



Série:
Campanha do Laço Branco:
Mobilizando homens pelo fim da violência contra a mulher

Manual Educação para a ação

Edição exclusiva para impressão. Proibida comercialização

Realização
White Ribbon Campaign, Instituto Papai e Instituto Promundo

Colaboração
Instituto Noos; Pró-mulher, Família e Cidadania; Ecos - Comunicação em Sexualidade e Grupo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE).

Apoio
CIDA - Canadian International Development Agency

Coordenação editorial: Benedito Medrado

Redação: Daniel Lima, Benedito Medrado, Humberto Carolo e Marcos Nascimento

Revisão: Carlos Zuma, Malvina Muszkat, Sérgio Barbosa e Sandra Unbehaum

INTRODUÇÃO

Caro educador ou educadora, este manual foi feito especialmente para você. Ele traz um conjunto de idéias, argumentos e estratégias que podem auxiliar seu trabalho na mobilização de homens jovens pelo fim da violência contra a mulher, promovendo a Campanha do Laço Branco.

A Campanha do Laço Branco desenvolve ações de mobilização de homens pelo fim da violência contra as mulheres ao redor do mundo, desde 1991, e hoje está presente em mais de 50 países. A cada ano, registramos um número crescente de novas iniciativas. Homens, adultos e jovens, estão demonstrando sua posição contrária ao grave problema da violência contra as mulheres.

Eles estão revendo suas práticas e atitudes. Estão buscando alternativas para estabelecer relações mais igualitárias, justas e não-violentas. Eles estão se unindo às mulheres (e outros homens) para por um fim às diversas formas de discriminação e violência contra as mulheres, violências que constituem uma das mais preocupantes e persistentes violações contra os direitos humanos existentes no mundo. Esses homens estão trabalhando, lado a lado, com as mulheres e outros homens em prol de um futuro sem violência!

Neste sentido, construímos um manual acessível com linguagem clara e direta, para uso em escolas ou com grupos de jovens, com atividades que podem ser realizadas com baixo-custo, podendo ser aplicado por um/a professor/a, educador/a popular, um/a jovem educador/a etc.

Acreditamos que os esforços mais eficientes para sensibilização, aprendizado e mudança são aqueles implementados por pessoas próximas ao público atendido. Assim, esperamos que este manual ganhe vida dentro das escolas e em qualquer espaço que reúna jovens, especialmente os do sexo masculino, por meio de ações de parceria e cooperação entre educadores e jovens.

O conteúdo deste manual está organizado em informações (para que você possa aprender mais sobre os temas discutidos) e sugestões de atividades, passo a passo.

É muito importante lembrar que a educação é a base de tudo, mas sozinhos não construímos muita coisa. Violência contra a mulher é também um problema de saúde pública, de justiça e de segurança. Para conseguirmos realizar nosso sonho de uma vida sem violência, é preciso também unir esforços para rever a legislação atual e fazer com que seja cumprida, fortalecendo as instituições públicas que atuam na prevenção, controle e assistência no contexto da violência contra a mulher. Precisamos exercer o controle social do Estado, a partir da ação cidadã, colaborando com as ações dos movimentos organizados em prol dos direitos humanos, especialmente o movimento feminista e de mulheres.

Algo extraordinário está acontecendo no mundo. Que bom que você está participando disso!

BOX**Nem todo homem é igual.**

Infelizmente, ainda existem muitos homens que agredem e violentam mulheres. Porém, existe um número bem maior de homens que não cometem este tipo de violência. Nem todo homem é, por princípio, agressivo e muitos são aqueles que rejeitam e condenam a violência, especialmente a violência contra a mulher. É preciso romper o silêncio. É preciso unir esforços. Muitos homens também querem o fim da violência contra a mulher. A violência de gênero é um crime contra a humanidade.

Movimento de mulheres e feminista

A violência contra a mulher passou a ser visto como um problema para a sociedade na medida em que grupos organizados de mulheres passaram, na forma de organização e reivindicação, a exigir seus direitos e a mostrar para a sociedade que as questões da vida privada são também públicas e, portanto, políticas. Conheça mais a história do movimento feminista e de mulheres e colabore com suas ações.

O que é violência contra a mulher? A violência contra a mulher é toda e qualquer prática ou discurso que cause (ou possa causar) sofrimento físico, sexual ou psicológico de mulheres, tanto na esfera pública como na esfera privada. É uma violação dos direitos humanos e uma questão de saúde pública, na medida em que se baseia em uma injustiça social fundamentada na desigualdade de gênero, ou seja, orientada por um modelo machista e sexista de viver em sociedade.

SUMARIO

PARTE 1. SOBRE O MANUAL E SOBRE A CAMPANHA DO LAÇO BRANCO

- 1.1. Intercâmbio e cooperação entre Canadá e Brasil
- 1.2. Como o manual foi criado?
- 1.3. Testagem
- 1.4. Objetivos do manual e das oficinas
- 1.5. Breve histórico da Campanha do Laço Branco
- 1.6. Objetivos da Campanha
- 1.7. O silêncio é cúmplice da violência

PARTE 2. HOMENS E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- 2.1. Sobre a violência contra as mulheres
- 2.2. Por que a mulher não rompe o ciclo da violência?
- 2.3. A nova legislação brasileira
- 2.4. As definições de violência na Lei Maria da Penha e a amplitude de seu alcance
- 2.5. Por que focar atenção nos rapazes?
- 2.6. Relações de gênero
- 2.7. Do homem jovem como obstáculo, ao homem jovem como aliado
- 2.8. Os homens são “naturalmente” mais violentos que as mulheres?
- 2.9. Como se constrói a violência dos homens contra as mulheres?
- 2.10. Como construir relações justas e democráticas na adolescência e juventude?

PARTE 3. SUGESTÕES PARA TRABALHO EM GRUPO

- 3.1. Orientação geral sobre a realização das oficinas
- 3.2. Trabalhar só com rapazes ou em grupos mistos?
- 3.3. Facilitadores homens ou mulheres?
- 3.4. Estratégias de avaliação
- 3.5. Índice das oficinas

OFICINAS

Oficina 1.

A vida dentro de uma caixa: os homens devem... as mulheres devem...

Oficina 2.

Nem sempre foi assim: compreendendo o passado para construir um futuro sem violência

Oficina 3.

Cultura também reforça preconceitos

Oficina 4.

Cuidando de si: homens, gênero e saúde

Oficina 5.

Otário vivo ou valente morto: a honra masculina

Oficina 6.

Pessoas e coisas

Oficina 7.

O varal da violência

Oficina 8.

Diversidade e direitos: eu e os outros

Oficina 9.

Assédio sexual - algumas vezes, sempre e nunca

Oficina 10.

Violência sexual: é ou não é?

Oficina 11.

Poder e violência nas relações sexuais: a história de Samuca

Oficina 12.

Da violência para o respeito na relação íntima

Oficina 13.

Do conflito à violência: definindo limites

Oficina 14.

Expressão e manifestação das emoções

Oficina 15:

Promovendo mudanças: as escolhas que fazemos

Oficina 16:

Campanha do Laço Branco: Definindo um plano de ação

PARTE 1.

Sobre o manual e sobre a Campanha do Laço Branco

1.1. Intercâmbio e cooperação entre Canadá e Brasil

O manual que você tem em mãos é o resultado de um esforço conjunto de três organizações: uma canadense (White Ribbon Campaign) e duas brasileiras (Instituto Promundo - RJ e Instituto Papai - PE). Essas organizações têm atuado em parceria, desde 2004, no desenvolvimento do projeto “Trabalhando com homens jovens para a promoção da eqüidade de gênero”, com apoio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional/CIDA. Contamos também com a preciosa colaboração das instituições que integram a Rede de Homens pela Eqüidade de Gênero (RHEG) - responsável pela gestão da Campanha do Laço Branco no Brasil - especialmente a Pró-mulher, Família e Cidadania, o Instituto Noos e a Ecos - Comunicação em Sexualidade.

Este projeto tem como objetivo geral estabelecer um intercâmbio e cooperação entre organizações brasileiras e canadenses para promover a eqüidade de gênero e reduzir a violência de homens contra as mulheres, especialmente a partir de ações dirigidas aos homens (jovens e adultos).

O projeto pretende atingir seus objetivos através da atuação em quatro campos de ação e debate:

EDIÇÃO: INCLUIR FORMATAR UM QUADRO CONFORME IDEIA A SEGUIR

Os gráficos podem ser melhorados? O pingüim tá bem esquisito!

Educação: atuando em escolas e outras instituições direcionadas à ação educativa com população jovem;
Trabalho: atuação com empresas e sindicatos;
Família: promoção de relações mais eqüitativas na família;
Redes: Fortalecimento de intercâmbios locais, nacionais e regionais pelo fim da violência contra a mulher.

Assim, as idéias e propostas contidas neste manual refletem um antigo compromisso ético-político das instituições envolvidas: promover na população jovem e adolescente o debate da violência contra a mulher e o compromisso com a construção da eqüidade de gênero, seja no âmbito escolar ou em grupos que trabalham com essa população.

O desafio de construir relações mais justas e democráticas é, hoje, uma questão importante para educadores e grupos organizados de adolescentes e jovens, pautando inclusive as diversas iniciativas dos movimentos sociais de jovens no Brasil e no mundo. Para isso, tem-se valorizado habilidades de escuta, respeito às diferenças, cooperação e expressão de sentimentos.

Acreditamos que é imprescindível eliminar o modelo machista que orienta as relações entre homens e mulheres e que estrutura a dominação dos homens, em geral, sobre as mulheres. É preciso construir outros sentidos para o masculino e eliminar qualquer forma de dominação do masculino sobre o feminino. Assim, pouco a pouco, podemos eliminar a violência de gênero.

1.2. Como o manual foi criado?

Este manual reúne idéias e propostas originalmente publicadas em dois manuais: o Kit “Educação e Ação”¹ (produzido pela Campanha do Laço Branco canadense) e a série “Trabalhando com Homens Jovens” (produzida pelo Instituto Promundo (RJ), Instituto Papai (PE), Ecos (SP) e Salud y Género (México), que integram a Aliança H).

O Manual “Educação e Ação” canadense foi aplicado em 3.000 escolas no Canadá e nos Estados Unidos. Ele contém informações e atividades para sensibilizar estudantes sobre a violência contra as mulheres e promover a eqüidade de gênero. Recentemente, o manual passou por uma avaliação independente, cujos resultados apontaram fortes evidências de que o Kit “Educação e ação” é uma ferramenta eficiente para transmitir conhecimentos e promover atitudes e comportamentos pelo fim da violência contra as mulheres.

O Programa H “Trabalhando com Homens Jovens”², por sua vez, visa fornecer assessoria técnica a organizações governamentais e não-governamentais que desejam trabalhar com o tema da promoção de saúde e da eqüidade de gênero entre homens jovens (15-24 anos). Os manuais do Programa H foram lançados em 2001 e já foram implementados em mais de 20 países. Seus cinco cadernos abrangem os seguintes temas:

1. Sexualidade e Saúde Reprodutiva
2. Da Violência para Convivência
3. Razões e Emoções
4. Paternidade e Cuidado
5. Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS

Para elaborar nosso manual, fizemos uma fusão do conteúdo e das atividades dos dois manuais (*Education & Action* e *Programa H*), e acrescentamos novos dados e informações sobre a violência contra as mulheres no Brasil.

Além disso, apesar dessas iniciativas já terem sido testadas e mostrarem ser eficazes para o trabalho com adolescentes e jovens - especialmente do sexo masculino -, realizamos uma série de atividades exploratórias para responder a duas questões: 1) Como melhor adaptar as atividades do *Education & Action Kit* para o contexto brasileiro? e 2) Como integrar os dois manuais e obter um produto coerente e de fácil uso?

¹ Na versão original o título do Manual é “Education & Action Kit”

² Mais informações sobre o Programa H podem ser obtidas nos sites do Instituto Papai (www.papai.org.br), Instituto Promundo www.promundo.org.br ou ECOS www.ecos.org.br.

1.3. Testagem

Para responder as duas questões do tópico anterior, criteriosamente escolhemos 16 atividades dos manuais (nove do Programa H e seis do Kit Educação e Ação) e as testamos com 46 alunos de uma escola pública de Recife, Pernambuco³. Trabalhamos com três grupos de alunos do sexo masculino (com idades entre 15 e 21 anos), conforme descrito no quadro a seguir:

- a) cada grupo participou de duas oficinas (duração de aproximadamente 4 horas cada);
- b) em cada encontro, foi aplicada uma oficina do manual canadense e uma do Programa H (não necessariamente nesta ordem);
- c) no início de cada grupo, um questionário sobre relações de gênero foi respondido pelos participantes antes que recebessem qualquer informação sobre o conteúdo das atividades;
- d) ao final, os participantes responderam o mesmo questionário para observar a possível mudança de opiniões. As questões eram sobre: violência contra a mulher; relações de gênero; homofobia e assédio sexual.

Através desse processo, concluímos que aliar as oficinas propostas pelos dois manuais foi bastante positivo. Apesar de tratarem dos mesmos conteúdos, as abordagens dos manuais são relativamente diferentes: o canadense tem como ponto forte perguntas e textos em linguagem clara e acessível que criam um ótimo ambiente para troca e diálogo, enquanto que o Programa H apresenta atividades com forte poder de mobilização, especialmente através do teatro, adotado como ferramenta de arte-educação. Ou seja, as oficinas se complementam e se fortalecem, criando um equilíbrio entre conteúdo informativo, por um lado e jogos e brincadeiras, por outro.

Foi importante também ouvir a opinião dos jovens sobre as próprias atividades. Algumas adaptações importantes foram apontadas por eles e também identificadas pelos educadores, tais como: a necessidade de mais tempo para as atividades; mais informações para os/as facilitadores/as; necessidade de cuidado especial com a escolha das palavras mais adequadas.

Alguns instrumentos de avaliação foram utilizados durante a testagem (ver anexo). Para nós, porém, os melhores indicadores de avaliação foram registrados após a atividade, na forma de ação gerada pelo processo educativo. Vários alunos perguntaram se poderíamos construir um grupo contínuo na escola para aprofundar as temáticas discutidas. Além disso, um mês após nossa experiência junto à escola, fomos informados sobre as repercussões positivas do nosso trabalho: um dos grupos de homens jovens com os quais trabalhamos tinha tido, numa disciplina, a iniciativa de montar uma peça teatral e apresentar para todo o colégio, discutindo a questão da violência contra as mulheres!

1.4. Objetivos do manual e das oficinas

³ Gostaríamos de agradecer à equipe da escola Estadual Professor José Vicente Barbosa por ter nos auxiliado com esta fase de grande importância para a realização deste manual, realizada em 2006. À pesquisadora Érika Mendonça e os alunos que participaram das atividades, mais uma vez, agradecemos sua contribuição e entusiasmo.

Este manual tem dois objetivos principais:

Junto aos educadores (adultos ou jovens), pretendemos:

- Fornecer informações sobre relações de gênero e violência contra a mulher;
- Apresentar exemplos detalhados de oficinas que podem ser executadas com grupos de homens jovens (ou de ambos os sexos);
- Estimulá-los a realizar atividades que promovam essa discussão junto aos homens jovens.

Junto aos homens jovens, desejamos:

- Refletir sobre como a socialização dos meninos e rapazes muitas vezes promove violência;
- Apresentar formas alternativas de convivência que incluem colaboração, solidariedade, diálogo e respeito;
- Estimular reflexões sobre as diversas formas de violência (física, psicológica, moral etc.) que praticamos e/ou sofremos;
- Questionar as bases comuns ao machismo, homofobia e racismo que sustentam e promovem a violência usada contra mulheres, outros homens, homossexuais, lésbicas, negros etc.

BOX: Alcances e limites

A aprendizagem e mudança de comportamento requerem mais do que uma participação temporária em um grupo de discussão. Vemos este manual como uma ferramenta que pode ser usada por educadores das mais diversas áreas e pelos próprios jovens, como parte de um leque mais amplo de atividades para sensibilizar e envolver a população masculina com essas temáticas.

Além disso, acreditamos que trabalhar com homens jovens não é o melhor, nem o único caminho para eliminar a violência contra as mulheres. Porém, defendemos que este é também um importante meio para promover a eqüidade de gênero e que esta estratégia deve estar integrada com outras ações para que seus efeitos sejam satisfatórios. É preciso entender que a violência contra a mulher é multideterminada. Assim, a mudança que propomos deve incluir as pessoas, as instituições e a cultura.

1.5. BREVE HISTÓRICO DA CAMPANHA DO LAÇO BRANCO

No dia 6 de dezembro de 1989, um acontecimento trágico abalou a população do Canadá e ecoou por todo o mundo. Nesse dia, um homem jovem de 25 anos entrou armado na Escola Politécnica da cidade de Montreal com um único objetivo: matar o maior número de alunas possível. Homens que estavam no local e foram poupadados pelo jovem, disseram que ele gritava “Eu só quero as mulheres, eu odeio feministas!”. Após 45 minutos de terror, ele assassinou 14 mulheres e se matou. Uma carta encontrada com ele continha o nome de mulheres importantes do Canadá e acusava as feministas de serem oportunistas e de terem arruinado a sua vida.

Passeatas e atos públicos aconteceram no Canadá e diversas partes do mundo para protestar contra o que ficou conhecido como o *“Massacre de Montreal”*. Mais uma vez, os movimentos de mulheres e os movimentos feministas mobilizaram a população e tomaram as ruas para exigir políticas e ações efetivas para por um fim às diversas formas de violência sofridas pelas mulheres.

Durante esse período traumático e de intensos debates, um pequeno grupo de homens começou a discutir seu papel no ciclo de violência contra as mulheres. Eles chegaram à conclusão que a maior parte dos homens não cometem atos de violência contra as mulheres, porém, esses mesmos homens quase sempre se calam, quando presenciam ou ficam sabendo de tal violência.

Adotando como slogan “jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a essa violência”, esses homens lançaram a Campanha do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra a mulher. Durante o primeiro ano da Campanha, foram distribuídos cerca de 100.000 laços entre os homens canadenses, principalmente entre os dias 25 de novembro e 6 de dezembro, semana que concentra um conjunto de ações e manifestações públicas em favor dos direitos das mulheres, pelo fim da violência. O dia 25 de novembro foi proclamado pelo UNIFEM, órgão das Nações Unidas, como Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher e o dia 6 de dezembro foi escolhido para que o Massacre de Montreal não fosse esquecido.

A campanha é um movimento de homens pelo fim da violência contra as mulheres e pretende ser um veículo para prevenir essa violência, através da quebra do muro de silêncio que existe em torno da temática. Nos mais de 15 anos de existência da Campanha, sua mensagem já rodou o mundo e construiu parcerias em mais de 50 países de todos os continentes.

No Brasil, algumas iniciativas começaram a ser delineadas em 1999, por meio de atividades dirigidas a essa temática, com objetivo de ampliar cada vez mais nossa rede, sensibilizando profissionais e/ou comunidades em geral, especialmente em quatro cidades: Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Santo André. Em 2001, realizamos o lançamento oficial da Campanha, promovendo diferentes atividades, entre elas: distribuição de laços brancos, camisetas e folhetos informativos, realização de eventos públicos, caminhadas, debates, oficinas temáticas, entrevistas para jornais e revistas, coleta de assinaturas e termos de adesão à campanha etc. Essas atividades foram desenvolvidas em parceria com diferentes instituições, particularmente organizações do Movimento de Mulheres. Hoje, a campanha é a principal atividade da *Rede de Homens*.

pela Eqüidade de Gênero (RHEG) e já teve atividades realizadas em cerca de 100 cidades brasileiras.⁴

A RHEG estimula que ações da Campanha do Laço Branco aconteçam durante todo o ano, contudo, seu principal período de atividade concentra-se entre o dia 25 de novembro e 10 de dezembro, período que compreende a “*Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher*”.

BOX: Cuidado especial com a linguagem

A linguagem também constrói realidades. Assim, no contexto da Campanha do Laço Branco, evita-se constantemente o uso de termos e expressões que possam associar-se ao universo simbólico da violência e que, direta ou indiretamente, contribuem para naturalizar a violência, tais como: combate, luta, extermínio etc.

Além disso, optamos pela expressão **autores de violência** ao invés de **agressores**. Essa alternativa não é para minimizar a responsabilidade dos homens que discriminaram, violentaram e/ou agrediram mulheres. O uso do termo **autores de violência** segue o mesmo princípio pelo qual o movimento feminista tem evitado o uso do termo “vítima” em seus textos e discursos, considerando que ao identificar a mulher apenas por sua condição passiva de vítima, acaba-se criando obstáculos para a mudança. Defende-se que ela é mais que apenas vítima. É também parte da solução dos seus problemas. Do mesmo modo, ao identificarmos o homem como agressor, estamos também criando obstáculos para a mudança. Ele também deve ser incluído como responsável pelos atos e consequentemente como um agente de mudança.⁵

⁴ A Rede de Homens pela Eqüidade de Gênero que promove a Campanha do Laço Branco no Brasil é composta por: ECOS-Comunicação em Sexualidade (SP); Instituto NOOS de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais (RJ), Instituto PAPAI (PE), Instituto Promundo (RJ); Pró-Mulher Família e Cidadania (RJ) e Rede Acreana de Mulheres e Homens (AC).

⁵ Ver mais discussão sobre uso de termos no contexto da violência contra a mulher em: ZUMA, C.E. A violência no âmbito das famílias: identificando práticas sociais de prevenção. Rio de Janeiro: LTDS/COPPE/UFRJ e SESI/DN, ago. 2004. Disponível em <http://www.noos.org.br>

1.6. OBJETIVOS DA CAMPANHA

A **missão** da Campanha do Laço Branco é prevenir e eliminar qualquer forma de violência contra as mulheres, promovendo uma sociedade com mais igualdade de direitos entre homens e mulheres e com justiça social, tendo por base os seguintes princípios: eqüidade de gênero, promoção da cidadania, participação juvenil e garantia e respeito aos direitos humanos.

O **objetivo geral** da campanha é sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher, em consonância com as ações dos movimentos organizados de mulheres e de outros movimentos organizados por eqüidade e direitos humanos, por meio de ações em saúde, educação, trabalho, ação social, justiça, segurança pública e direitos humanos.

Por meio de suas ações, a Campanha busca:

- sensibilizar homens jovens e adultos sobre as implicações resultantes da violência cometida contra as mulheres em suas próprias vidas e a de outros homens e oferecer propostas que visem mudar suas atitudes e comportamentos frente às mulheres;
- envolver homens jovens e adultos na Campanha e em outros movimentos semelhantes, transformando-os em participantes ativos e capazes de difundir as metas da mesma para outros homens;
- divulgar da forma mais abrangente possível a Campanha e os recursos existentes para lidar com a violência contra as mulheres cometidas por homens;
- integrar formadores de opinião através da mídia para incentivar a divulgação da Campanha;
- estimular a formação de políticas públicas nos municípios que fortaleçam o desenvolvimento e a sustentabilidade das ações.

Em síntese, a Campanha e as instituições que a organizam pretendem que homens de todas as idades: adotem outras maneiras para resolver conflitos em substituição à violência; percebam que o silêncio é cúmplice da violência e participem como aliados nas iniciativas para eliminar a violência contra as mulheres.

BOX - Como participar da Campanha do Laço Branco?

Visite o site da Campanha (www.lacobranco.org.br), conheça as ações que estão sendo realizadas e participe!

BOX:

Pelo fim de qualquer violência! A Campanha do Laço Branco se opõe a toda e qualquer forma de violência, seja ela contra mulheres, homens e inclusive contra o meio ambiente. Contudo, a Campanha tem como foco a violência contra as mulheres, tendo em vista que se trata de uma violência sobre a qual pouco se fala e contra a qual, em geral, são as mulheres que se pronunciam. Além disso, muitas vezes, essa violência acontece entre casais, sendo o autor da violência o parceiro ou ex-parceiro. Ou seja, uma violência que acaba sendo naturalizada, considerada marca de um amor incondicional.

1.7. O SILENCIO É CÚMPlice DA VIOLÊNCIA

Uma das principais mensagens da Campanha do Laço Branco é que o silêncio dos homens é cúmplice da violência contra as mulheres. Ou seja, você pode ser contra qualquer forma de violência e mesmo assim, ser parte importante da estrutura social que mantém a violência. Como assim? Quando você conhece uma amiga que sofre violência, ou um amigo que é violento com sua companheira e você não senta para conversar com eles; quando você presencia uma mulher sendo espancada na rua e não chama a polícia; quando seus amigos assediam mulheres na rua e você não fala nada etc. A verdade é que você pode virar o rosto, fingir que não escutou, ou esperar que outra pessoa faça algo, de qualquer maneira, a violência não vai desaparecer, ela continuará existindo e se fortalecendo com o seu distanciamento.

A nossa experiência mostra que muitos homens justificam o não envolvimento com situações de violência contra a mulher por quatro principais motivos: não saber o que fazer; ter medo de sofrer represálias; para proteger o amigo e por achar que não adianta se envolver, já que muitas mulheres terminam protegendo os companheiros e continuando com eles.

Reconhecemos que não é fácil tomar uma iniciativa em tal situação, contudo, sempre existe algo que podemos fazer. Se você conhece as pessoas envolvidas, o melhor a fazer é estabelecer um diálogo honesto e aberto com elas. Em situações na rua, ou com estranhos, geralmente é mais recomendável que se entre em contato rapidamente com a polícia. Acima de tudo, é importante ter em mente uma antiga lição da história (que infelizmente ainda não aprendemos), que não se resolve violência com violência.

BOX - O que dizer aos homens?

- Reflita sobre o problema. Nem o ciúme, nem a traição justificam qualquer tipo de violência.
- Entenda porque alguns homens são violentos. Violência é uma coisa que se aprende. Portanto, homens podem aprender a não ser violentos com as mulheres.
- Não se cale quando presenciar um ato de violência. Quem cala consente. O silêncio é cúmplice da violência.
- Use o laço branco como sinal de compromisso pelo fim da violência contra a mulher.
- Entre em contato com grupos que tem produzido reflexões e ações pelo fim da violência contra a mulher e que promovem a Campanha do Laço Branco. Participe!

PARTE 2.

HOMENS E VIOLENCIA CONTRA A MULHER

2.1. SOBRE A VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES

A Convenção de Belém do Pará (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, 1994), define a violência contra a mulher como: “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”.⁶

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a violência contra as mulheres como um grave problema de saúde pública porque afeta profundamente a integridade física e a saúde mental das mesmas. Em diferentes países da América Latina, diversos estudos apontam um alarmante número de mulheres que afirmam ter sido vítimas de violência física exercida diretamente por seu parceiro. Em alguns países, o percentual de mulheres que afirmou ter sido agredida fisicamente por um homem chegou a 50%, enquanto que o menor percentual foi de 20%.⁷

No Brasil, mais da metade de todas as mulheres assassinadas são mortas por seus parceiros íntimos. Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2001, envolvendo 2.502 entrevistas com mulheres acima de 15 anos, em 187 municípios das cinco Regiões brasileiras, trouxe os seguintes resultados:

- um terço das mulheres (33%) declarou já ter sido vítima, em algum momento de sua vida, de alguma forma de violência física; 24% declaram ter sofrido ameaça com armas e 13% relataram ter sofrido estupro ou abuso sexual por parte do parceiro ou marido.
- mais de 2 milhões de mulheres são espancadas a cada ano por maridos ou namorados (atuais ou antigos). Isso quer dizer que **uma mulher é espancada no Brasil a cada 15 segundos!**
- 19% das mulheres declararam espontaneamente que já sofreram algum tipo de violência por um homem. Quando a mesma pergunta foi acompanhada por uma lista de formas de violência (agressão física; ameaça; cerceamento da liberdade; assédio sexual; violência psicológica etc.), a resposta das mulheres mais que dobrou, indo para 43%.

Dentre as formas de violência mais comuns, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo destaca:

- 20% das mulheres afirmou ter sofrido agressão física mais branda, sob a forma de tapas e empurrões;
- 18% das mulheres sofreu violência psicológica e moral: humilhações, xingamentos, com ofensas à sua conduta moral;
- 15% das mulheres disseram ter recebido ameaças através de violência patrimonial (coisas quebradas, roupas rasgadas, objetos atirados) e outras formas indiretas de agressão;

⁶ Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, 1994. Disponível em www.cidh.oas.org

⁷ Heise, L. (1994). Gender-based abuse: The global epidemic. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro 10 (Supl. 1). 1994. 135-145.

- 11% das entrevistadas disseram que já sofreram espancamento com cortes, marcas ou fraturas;
- 11% disseram que foram vítimas de relações sexuais forçadas e de assédios sexuais (10% dos quais envolvendo abuso de poder);
- 9% das mulheres já ficaram trancadas em casa, sendo impedidas de sair ou trabalhar;
- Entre as entrevistadas que têm ou tiveram filhos, 18% delas declararam sofrer críticas sistemáticas à atuação como mãe.

A informação mais triste, e ao mesmo tempo já bastante conhecida de quem pesquisa ou atende mulheres vítimas de violência, é que o marido, ou parceiro, aparece como principal autor da violência, na maioria dos casos. Outros autores de violência mais citados são o ex-marido, o ex-companheiro e o ex-namorado, que somados ao marido ou parceiro constituem o total dos autores de violência na maioria quase absoluta dos casos.

Além disso, de acordo com pesquisa desenvolvida pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento/BID, em 1998, o risco de uma mulher ser agredida em sua própria casa pelo pai de seus filhos, ex-marido ou atual companheiro, chega a ser oito vezes maior que sofrer algum ataque violento na rua ou no local de trabalho.

Quando falamos sobre as diferenças entre a violência sofrida por homens (que também é um grave problema no Brasil) e a sofrida por mulheres, esses dois fatores são os que chamam mais atenção. Ao contrário da situação vivida pelas mulheres, os homens se envolvem em situações de violência com muito mais freqüência na rua, e o autor de violência geralmente é um desconhecido ou alguém distante dele.

Em 2006, uma pesquisa do Instituto Patrícia Galvão, realizada com mais de 2 mil sujeitos de ambos os性os e de todo o Brasil, trouxe dados que confirmam a preocupação da população com a violência contra as mulheres.⁸ Na pergunta “Qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente?”, 33% apontaram a violência contra as mulheres dentro e fora de casa, ficando à frente de temas como câncer de mama e útero, Aids e o crescimento da Aids entre mulheres e igualdade de salários entre homens e mulheres. Na mesma pesquisa, 51% dos/as entrevistados/as declararam conhecer ao menos uma mulher que é ou foi agredida por seu companheiro.

2.2. POR QUE A MULHER NÃO ROMPE O CICLO DA VIOLENCIA?

Afinal, por que as mulheres permanecem em uma relação de violência? De fato, muitas mulheres sofrem agressões psicológicas e físicas de seus companheiros por muitos anos, e várias mulheres que prestam queixa contra seus companheiros, retornam à delegacia e retiram a queixa. Antes de criticar as mulheres ou reproduzir a fala que “mulher gosta de apanhar”, é importante se perguntar por que as mulheres permanecem em uma relação violenta.

⁸ O Instituto Patrícia Galvão (www.patriciagalvao.org.br) é uma ONG de São Paulo que tem por objetivo desenvolver projetos sobre direitos da mulher em meios de comunicação de massa. Portal Violência Contra a Mulher: www.violenciamulher.org.br

O Caderno “*Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço*”, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2002, aponta alguns fatores que podem ajudar a responder essa questão.

História familiar:

- Modelo familiar violento como importante fator de risco para a escolha de um parceiro violento e repetição do modelo parental;
- Vivências infantis de maus-tratos, negligência, rejeição, abandono e abuso sexual;
- Casamento como forma de fugir da situação familiar de origem, onde o parceiro e o relacionamento são idealizados.

Auto-estima:

- Auto-imagem negativa, levando a mulher a ter dúvidas acerca de seu valor, capacidades e desempenho;
- Sentimento de desvalorização;
- Incerteza quanto a se separar de seu companheiro, mesmo que temporariamente.

Situação emocional:

- Padrão de afeto deprimido e sentimentos de inferioridade, insegurança, desamparo e retraiamento social;
- Projeção de expectativas irreais de afeto, proteção, dependência e estabilidade no casamento;
- Esperança quanto à possibilidade de mudança nas atitudes do companheiro;
- Sentimento de responsabilidade pelo comportamento agressivo do companheiro;
- Tendência a atribuir e justificar o comportamento violento do companheiro por fatores externos, desresponsabilizando-o (dificuldades financeiras, desemprego, uso de drogas etc.);
- Tendência a valorizar excessivamente o papel de provedor e “bom pai” no companheiro, justificando a tolerância à violência (ou em detrimento de outras necessidades);
- Medo das represálias por parte do companheiro;
- Crença de que o companheiro cumprirá as ameaças em relação a si, aos filhos e aos seus familiares, tais como: morte, perda da guarda dos filhos, destruição da casa, transtornos no local de trabalho, invasão da casa após a separação, entre outras.

Situação econômica:

- Carência de apoio financeiro e de oportunidades de trabalho, ocasionando a dependência econômica e a falta de autonomia;
- Medo das dificuldades para prover o seu sustento econômico e o de seus filhos, após a separação.

Carência de recursos sociais e familiares:

- Descrédio e falta de apoio dos familiares, levando ao isolamento social;
- Ausência de uma rede de apoio eficaz no que se refere à moradia, escola, creche, saúde e equipamento policial e de justiça.

Box: As várias faces da violência contra a mulher

A nossa sociedade (família, escola, religião, leis etc.) tem tradicionalmente perpetrado diferentes formas de violência contra a mulher. Veja alguns fatos que confirmam isso:

- Eleições são uma realidade muito antiga no Brasil. A primeira aconteceu em 1532, para eleger o Conselho Municipal da então colônia portuguesa de São Vicente. Porém, as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil apenas em 1932, com a promulgação do novo Código Eleitoral, ou seja, 400 anos depois.⁹
- Em 1966, a lei brasileira determinava que os partidos políticos inscrevessem no mínimo 20% de mulheres em suas chapas. Em 1998, o Congresso Nacional aumentou esta cota para no mínimo 30%. Ainda assim, a participação feminina na elite política brasileira ainda é muito pequena. Em 2004, a Câmara Federal contava com apenas 7% de mulheres, o Senado com 6,25%. Dos mais de 5.500 municípios do Brasil, menos de 4% têm mulheres à frente.¹⁰ Em 2006, dos 125 milhões de eleitores, cerca de 65 milhões eram mulheres. Porém das 19 mil candidaturas (a cargos nas eleições gerais), 16,4 mil homens disputaram espaço com apenas 2,6 mil mulheres. Apesar do número não parecer expressivo, o TSE registra um crescimento de 23% (506 candidatas) a mais de mulheres neste pleito em comparação ao de 2002.¹¹
- De acordo com o senso nacional de 2003 (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia (em PDF, a divisão de geografia está errada) e Estatísticas), os homens têm renda mensal média de R\$ 541,00 por mês e as mulheres de R\$ 270,00. Esta diferença é ainda maior entre mulheres negras, que têm renda 55% inferior às de outras mulheres. Tais números existem apesar do fato de que entre a população economicamente ativa, as mulheres têm 7,5 anos de escolaridade, enquanto que os homens têm 6,5 anos.
- Apenas em 2002, com o novo Código Civil Brasileiro, acabou o direito do homem de mover ação para anular o casamento se descobrisse que a mulher não era virgem (termo presente no antigo Código Civil, que era de 1942).
- Apenas em 2004, a expressão “mulher honesta” foi extinta do Código Penal brasileiro, em vigor desde 1940. O antigo código exigia que a mulher deveria provar ser honesta, ou seja, virgem, para poder processar quem a agrediu.
- Até 1962, o Código Civil trazia o termo “Código da Mulher Casada”, que a considerava “relativamente incapaz”, ou seja, a mulher vivia sob a tutela do marido, numa situação comparada aos menores de idade de hoje.

⁹ “A história do voto no Brasil”. Disponível em www.camara.gov.br ou www.camara.gov.br/internet/agencia/materias.asp?pk=22706&pesq=historia%20do%20voto

¹⁰ “A participação política da mulher”. Disponível em www.senado.gov.br ou www.senado.gov.br/anodamulher/destaques/particpa_politic.asp

¹¹ Fontes: Tribunal Superior Eleitoral (TSE) disponível no site www.al.rs.gov.br

2.3. A NOVA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA¹²

Mesmo com dados tão alarmantes e com números que colocam o Brasil no topo das listas mundiais desta forma de violência, até recentemente, não tínhamos uma lei especificamente voltada para a violência contra a mulher. Isso mudou em 2006, com a aprovação da Lei 11.340, conhecida como *Lei Maria da Penha*. Essa Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, incluindo medidas integradas de prevenção como: elaboração de políticas públicas, promoção de estudos e pesquisas; promoção e realização de campanhas educativas e inclusão da temática nos currículos escolares. Além disso, a lei torna a punição a este crime mais severa, determinando a possibilidade de prisão em flagrante e a detenção de três meses a três anos.¹³

A *Lei Maria da Penha*, de autoria do poder executivo, foi apresentada à câmara dos Deputados, em 2004, aprovada pelo Senado em julho de 2006 e sancionada pelo Presidente em 07 de agosto desse mesmo ano.

A elaboração da *Lei Maria da Penha* teve como referência básica a Constituição Federal (promulgada em 1988), a Convenção para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Mulheres (ratificada pelo Brasil em 1994) e a Convenção de Belém do Pará (ratificada em 1995). Entre outros dispositivos jurídicos, obriga os poderes públicos a criarem Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e altera alguns trechos do Código de Processo Penal e o Código Penal no que tange especificamente à violência doméstica contra a mulher.

BOX. Quem foi Maria da Penha?

A Lei 11.340/2006 recebeu o nome de "Lei Maria da Penha" em homenagem à biofarmacêutica Maria da Penha Maia, que lutou durante 20 anos para ver condenado o homem que lhe violentou. Em 1983, ela ficou paraplégica por causa de um tiro nas costas dado por seu marido, Marco Antônio Herredia. Dezoito anos depois, em 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos responsabilizou o Brasil por omissão e negligência em relação à violência doméstica. Marco Antônio só foi preso em 2003 devido, entre outras coisas, à inexistência de dispositivos legais para lidar com essas situações. A *Lei Maria da Penha* vem, finalmente, cobrir esta lacuna.

2.4. AS DEFINIÇÕES DE VIOLENCIA NA LEI MARIA DA PENHA E A AMPLITUDE DE SEU ALCANCE.

As definições que encontramos no artigo 5º da *Lei Maria da Penha* configuraram como violência doméstica e familiar contra a mulher **qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial**.

Essa definição inclui violências praticadas:

- em casa (ambiente doméstico), sem que as pessoas tenham vínculo familiar;

¹² Este texto sobre a *Lei Maria da Penha* foi originalmente publicado na Cartilha "Pelo fim da violência contra as mulheres: um compromisso também para os homens", de autoria de Benedito Medrado e Cláudio Pedrosa. Editora: Agende, 2006.

¹³ Lei 11.340 "Lei Maria da Penha" Disponível em [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/Lei/L11340.htm) ou www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/Lei/L11340.htm

- no âmbito da família que, neste caso, não se refere apenas ao vínculo de sangue (pai, mãe, filhos etc.), mas se refere também a qualquer grupo formado por indivíduos que são (ou se consideram) parentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;
- no âmbito das relações afetivas, ou seja, envolve todo crime em que há qualquer relação íntima de afeto, independentemente das pessoas envolvidas viverem juntos ou não. Neste caso, o autor da violência pode ser seu companheiro, ex-companheiro, irmão, filho, primo, tio etc.

Na sua formulação final, a Lei Maria da Penha tem um alcance muito amplo. Ela se refere à situação particular acerca do atendimento pela autoridade policial e das questões mais imediatamente ligadas à assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar.

Além disso, essa Lei aponta responsabilidades para os gestores públicos, em nível Federal, Estadual e Municipal, por meio de Medidas Integradas de Prevenção, regulamentando a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

Cobre ainda a questão da Assistência Judiciária e apresenta recomendações sobre a formação de equipes de atendimento multidisciplinar em serviços que ofereçam assistência às mulheres, vítimas da violência.

Formas de violência

A Lei Maria da Penha considera formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

- 1) **violência física** (em PDF, está com cor diferente dos demais pontos)- entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- 2) **violência psicológica** - entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante威吓, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- 3) **violência sexual** - entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- 4) **violência patrimonial** - entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- 5) **violência moral** - entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

BOX**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E ORIENTAÇÃO SEXUAL**

A violência entre casais de gays ou de lésbicas muitas vezes reproduz também a ordem de gênero que determina a dominação do masculino sobre o feminino. Assim, um dos avanços a se observar na Lei Maria da Penha é que “as relações pessoais enunciadas independem de orientação sexual” (Art. 5º, parágrafo único), ou seja, não faz diferença se a mulher agredida mantém relações com homem ou com mulher, os seus direitos estão assegurados de qualquer modo.

BOX**“EDUCAÇÃO/ REABILITAÇÃO/ RECUPERAÇÃO/ REEDUCAÇÃO PARA OS AUTORES DE VIOLÊNCIA”**

A Lei Maria da Penha afirma que o Estado poderá criar e promover centros de educação e de reabilitação para os autores de violência. Além disso, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do autor de violência a programas de recuperação e reeducação.

2.5. POR QUE FOCAR ATENÇÃO NOS RAPAZES?

Por muito tempo, educadores e profissionais de educação e saúde pensaram (e muitos ainda pensam) que trabalhar com rapazes era uma tarefa difícil, tendo em vista que eles seriam naturalmente mais agressivos e não se preocupavam com a própria saúde e bem estar. Muito freqüentemente, os homens jovens eram vistos como violentos - violentos contra outros rapazes, contra si mesmos e contra as garotas.

Pesquisas recentes e novas perspectivas chamam a atenção para um entendimento mais apurado de como os rapazes são socializados, do que eles precisam em termos de um desenvolvimento saudável, e o que educadores de várias áreas podem fazer para atendê-los de forma mais apropriada.

Nas décadas de 80 e 90, inúmeras iniciativas procuraram empoderar¹⁴ as mulheres, centrando suas ações nas áreas da saúde, educação e direito, com o objetivo de diminuir as desigualdades frente aos homens. A idéia de envolver os homens em ações pelo fim da violência contra as mulheres e na área da saúde sexual e direitos reprodutivos, partiu dos movimentos de mulheres e movimentos feministas, percebendo que isso traria benefício para a vida de homens, mulheres e crianças.

A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994, no Cairo e a IV Conferência Mundial sobre Mulheres, realizada em 1995, em Beijing, enfatizaram a importância do envolvimento dos homens nos esforços de melhorar a

¹⁴ Vasconcelos define “empoderamento” como “o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social” - VASCONCELOS, E. M. (2001). “A proposta de empowerment e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da saúde mental” In: *Revista Serviço Social & Sociedade: seguridade social e cidadania*. Ano XXII; 65:5-53.

qualidade de vida de mulheres e meninas. O Programa de Ação da Conferência de Cairo, por exemplo, aponta que “*O envolvimento masculino deve ser estimulado principalmente em situações associadas à saúde materno-infantil e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV/Aids. (...). No contexto destes esforços, a prevenção de violência contra mulheres e crianças requer atenção especial*”.¹⁵

Nos últimos anos, houve um aumento considerável no reconhecimento dos custos do machismo para a saúde e bem-estar de homens de todas as idades, especialmente os adolescentes e jovens. Esses aspectos tradicionais, mais conhecidos como machismo, têm grande papel em diversos acontecimentos na vida dos homens jovens: o pouco envolvimento com o cuidado das crianças; maiores taxas de morte por homicídio, acidentes de carro e suicídio do que as mulheres, assim como maior consumo de álcool e outras drogas. Este manual pretende focar o envolvimento de homens jovens com a temática da equidade de gênero e violência contra as mulheres e apresentar a perspectiva de gênero como um caminho para trabalhar essas temáticas.

Box: Nunca é tarde!

Todos nós temos a capacidade de construir novas maneiras de nos relacionarmos. Não importa a idade, sempre temos a possibilidade de nos reinventarmos. Contudo, ao direcionar nossa atuação para adolescentes e jovens, pretendemos atuar antes que a violência ocorra, quando muitos valores, preconceitos e estereótipos estão ainda em construção e enquanto a violência ainda pode estar em seus estágios iniciais.

Box: O machismo não está apenas nos homens!

Em nossa sociedade, a educação de homens e mulheres tende a reforçar valores tradicionais acerca do masculino e do feminino. Assim, é importante ressaltar que não apenas os homens, mas também as mulheres compartilham e reforçam o modelo machista, a partir de diferentes práticas cotidianas. Portanto a extinção do machismo exige uma transformação e um compromisso de todos e todas.

2.6. RELAÇÕES DE GÊNERO

O termo “gênero” tem sido muito usado e discutido nos últimos anos, contudo, grande parte da população não o conhece ou o confunde com “sexo”. Sexo pode ser definido como as diferenças biológicas entre os corpos de homens e mulheres, enquanto gênero representa as construções históricas, culturais e sociais feitas sobre o corpo de homens e mulheres. A seguinte frase histórica pode nos ajudar a compreender essa distinção “*Não se nasce mulher, torna-se mulher!*”¹⁶. Da mesma maneira, podemos falar que “*Não se nasce homem, torna-se homem*”, ou seja, existe uma distinção entre o sexo que temos ao nascer, e o nosso gênero, que será construído através de nossa socialização e educação.

Ao contrário de nosso sexo, que é uma característica geralmente imutável, as definições de gênero mudam de geração a geração, de cultura para cultura e dentro de diferentes grupos sócio-econômicos e étnicos. O problema é que essas construções de gênero são

¹⁵ ICDP - United Nations Population Foundation. (1994) International Conference on Population and Development. Program of action, New York.

¹⁶ Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, publicada originalmente em 1949.

quase sempre carregadas de estereótipos que colocam homens e mulheres dentro de “caixas”, ditando o que é apropriado e inapropriado para cada um e limitando sua capacidade de aprendizado e crescimento. Assim, a origem de muitos comportamentos dos homens é encontrada na maneira como eles foram socializados e educados. Mudar a forma como educamos e percebemos os rapazes não é tarefa fácil, mas é necessária para a mudança de aspectos negativos de algumas formas de masculinidade.

Muitas culturas promovem a idéia de que ser um “homem de verdade” significa ser provedor e protetor. Incentivam os rapazes a serem agressivos e competitivos, e as jovens a serem submissas ao poder masculino e responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Nesse processo de construção social dos homens, os meninos geralmente são criados para aderir a rígidos códigos de honra, que os obrigam a competir e a usar violência entre si para provarem que são “homens de verdade”. Meninos que mostram interesse em cuidar de crianças, que executam tarefas domésticas, que demonstram suas emoções e que ainda não tiveram relações sexuais, são muitas vezes ridicularizados por suas famílias e colegas e associados a termos como “mulherzinha”, “viadinhos”, “boiola”, “froucho” etc.

Assim, aplicar a “perspectiva de gênero” para trabalhar com homens adolescentes e jovens implica as noções de:

(a) EQÜIDADE DE GÊNERO: Engajar os homens na discussão e reflexão sobre a hierarquia de gênero com objetivo de levá-los a assumir sua parcela de responsabilidade no cuidado com os filhos, nas questões de saúde reprodutiva e nas tarefas domésticas. É importante ressaltar que eqüidade de gênero não significa que homens e mulheres são iguais, ou devam ser iguais. O que estamos discutindo é a importância da igualdade de direitos entre homens e mulheres, respeitando e valorizando as diferenças, afinal, existem várias masculinidades e feminilidades.

(b) ESPECIFICIDADE DE GÊNERO: Olhar para as necessidades específicas que os jovens possuem em termos de saúde, educação e desenvolvimento por conta de seu processo de socialização. Isto significa, por exemplo, envolver os homens jovens e adolescentes em discussões sobre uso de drogas ou comportamentos de risco, ajudá-los a entender por que muitas vezes se sentem pressionados a se comportarem desta ou daquela forma.

2.7. DO HOMEM JOVEM COMO OBSTÁCULO, AO HOMEM JOVEM COMO ALIADO

Este manual parte do princípio que os homens devem ser vistos como aliados - atuais ou potenciais - e não como obstáculos. Os rapazes, mesmo aqueles que por vezes tenham sido violentos ou que não tenham demonstrado respeito com suas parceiras, podem mudar e passar a se relacionar com as mulheres de forma igualitária e justa.

Tanto pesquisas como nossa experiência pessoal como educadores, pais, professores e profissionais de saúde, demonstram que os rapazes respondem muitas vezes segundo as expectativas que se têm deles. Pesquisas sobre delinqüência, por exemplo, mostram que um dos fatores associados ao comportamento delinqüente é ser taxado como delinqüente pelos pais, professores e outros adultos. Um jovem que se sente rotulado e categorizado como delinqüente tem mais probabilidade de ser um delinqüente. Se esperamos rapazes violentos, se esperamos que eles não se envolvam com a educação e

cuidado de seus filhos, se esperamos que eles não se interessem pelas informações e atividades propostas neste manual, então criamos “profecias que mais cedo ou mais tarde podem se cumprir”.

Precisamos, urgentemente, reconhecer e estimular valores positivos dos homens jovens, apostando em seu potencial e acreditando que nem todo homem é igual. Portanto, se há homens violentos, há também aqueles que sofrem violências e/ou também são contra qualquer forma de agressão. Temos a convicção de que, apesar de todas as pressões para que perpetuemos os modelos machistas de masculinidade, cada um de nós tem a capacidade de se refazer e construir uma maneira mais saudável e livre de viver. As oportunidades para isso podem estar em diversos lugares: na conversa com um amigo; na troca aberta e sincera com uma namorada; nas palavras de um professor ou parente; em um livro; num filme etc. Este manual pretende ser uma espécie de lente para que essas oportunidades sejam vistas com mais facilidade.

2.8. OS HOMENS SÃO “NATURALMENTE” MAIS VIOLENTOS QUE AS MULHERES?

Atualmente, pesquisadores sobre violência em quase sua totalidade, afirmam que os aspectos biológicos têm um papel mínimo na explicação do comportamento violento, enfatizando que os fatores sociais e culturais durante a infância e a adolescência são, de fato, os responsáveis pelo comportamento violento de alguns homens. **Em suma, os homens não são “naturalmente” ou biologicamente violentos, eles aprendem a ser violentos!**

Outro argumento que ouvimos com freqüência é que ser violento faz parte do desenvolvimento “natural” ou “normal” dos rapazes, ou seja, que é “normal” que eles se comportem de maneira violenta durante a adolescência. O que existe de verdade nisso, é que os homens jovens se envolvem em mais situações de violência e delinqüência do que as mulheres jovens, contudo, de maneira alguma isso é natural, normal, ou inevitável. Pesquisas de várias partes do mundo confirmam que a violência é um comportamento aprendido e repetido por alguns homens jovens em certos contextos e, como tal, pode ser desaprendido e prevenido. Achar que os homens jovens são naturalmente mais violentos, ou esperar que eles abandonem num passe de mágica um comportamento violento quando se tornarem adultos, não é uma forma apropriada ou realista de responder à violência.

Pesquisas têm identificado que os homens que cometem violência contra mulheres relatam também terem sido vítima de violência, especialmente em sua infância ou juventude, porém é importante ressaltar que **nem todo garoto ou rapaz que sofreu violência se torna violento**.

De todo modo, é necessária uma reflexão crítica sobre a forma como educamos nossos filhos, não apenas em casa, mas também a partir dos diversos meios de comunicação. Assistir a atos de violência na infância e juventude (seja em casa, seja na rua, seja na TV)... muitas vezes pode criar uma idéia de que a violência é algo normal, natural e característico das relações humanas. Homens jovens que sofreram e assistiram a cenas de violência em suas casas e fora delas, podem achar que a violência é uma maneira “natural” de resolver conflitos. O mesmo pode acontecer com as mulheres jovens, que às vezes crescem pensando que sofrer violência é parte “normal” de qualquer relacionamento.

O grupo de amigos e colegas e a pressão exercida por eles é um outro fator importante que contribui para comportamentos violentos. Talvez o exemplo mais comum disso, sejam as brigas que acontecem quase todos os finais de semana entre torcidas organizadas nos estádios de futebol brasileiros. As razões pelas quais tantas vezes nos deixamos levar pela pressão de um grupo são muitas, dentre elas, o medo de ser expulso do grupo e a tentativa de evitar conflitos são as maiores. Diferente do que muitos pensam, o tamanho do grupo não é o fator mais importante nessa situação, e sim, a insistência e objetividade com que o grupo defende e pressiona o indivíduo.¹⁷ Observando homens jovens e adolescentes, é fácil perceber que existe uma cobrança forte e contínua para que eles sempre apresentem um comportamento irrepreensivelmente ‘macho’. Esta verdadeira “patrulha do macho” configura-se como uma ferramenta propulsora de posturas e ações que tornam esses jovens vulneráveis à violência e mais propensos a cometê-la.

Por fim, os homens que são socializados a ter um senso de honra exagerado tendem a ser mais violentos. Notícias de assassinatos de homens no Brasil freqüentemente repetem histórias sobre brigas que começam com uma discussão verbal num bar (muitas vezes acompanhadas pelo uso de álcool) e acabam em morte. Uma das razões para esse cenário tão comum é porque muitos homens jovens são educados para usar violência em resposta a um insulto contra ele ou contra sua namorada ou mãe. A importância de preservar a sua honra e a honra de “suas mulheres” é tão grande, que termina valendo mais do que sua vida.

Mas e as mulheres, elas nunca são violentas? Quando revisamos os dados sobre violência e agressão, é importante que tenhamos em mente que as mulheres também mostram agressividade e violência. Estudos mostram que os rapazes são mais propensos a usar agressão física, enquanto que as garotas utilizam mais agressões indiretas (morais, psicológicas, verbais...) - mentindo, ignorando alguém, rejeitando membros do grupo social, humilhando etc. Apesar das “mulheres que agride” não serem o foco deste manual, comportamentos como os apontados acima, que são muito comuns no ambiente escolar, também necessitam da atenção e intervenção dos/as educadores/as.

Em outras palavras, quando uma mulher humilha um homem exigindo dele um comportamento tradicional (“Você não é homem o bastante!”, “Você é um corno!”), ela está certamente cometendo uma violência psicológica. Isso também se trata de uma violência de gênero, portanto também sustentado em padrões culturais machistas.

Contudo, é importante ressaltar que não se pode comparar a violência de um homem contra uma mulher com aquela cometida por uma mulher contra um homem. Embora, na prática, a violência praticada possa ser a mesma, não podemos nos esquecer que quando falamos de violência contra as mulheres não estamos falando de um ato isolado. Estamos falando de uma violência que se sustenta em padrões culturais e institucionais machistas que se apóiam na idéia de que a mulher é inferior ao homem. Trata-se de um padrão muitas vezes aceito, valorizado e estimulado pela cultura. Ao passo que a violência de uma mulher em relação a um homem é ainda vista por nossa sociedade como “exceção à regra”.

¹⁷ Moscovici, S. (1985) “Social Influence and Conformity”. In Lindzey, G. & Aronson, E. (Eds.). *Handbook of Social Psychology*, Vol. 2 (347-412). New York: Random House.

2.9. COMO SE CONSTRÓI A VIOLÊNCIA DOS HOMENS CONTRA AS MULHERES?

O processo que resulta na violência de homens contra as mulheres muitas vezes tem início ainda na infância e representa parte da socialização masculina. Alguns aspectos da educação que geralmente são vistos como “naturais”, na verdade, são responsáveis pela construção dos ideais de desigualdade de poder entre homens e mulheres e da idéia de merecimento de privilégios por parte dos homens. Alguns exemplos: a divisão desigual de tarefas domésticas entre homens e mulheres; as mulheres continuam sendo educadas “para dentro da casa” e os homens “soltos no mundo”; os adolescentes do sexo masculino são mais estimulados do que as garotas a serem autônomos e terem liberdade; a sexualidade dos rapazes é livre e incentivada, a das garotas é vigiada e proibida etc.

Precisamos reconhecer que todas as formas de violência têm como objetivo a manutenção de poder e o controle de um grupo sobre outro. A violência de homens contra suas companheiras segue esse roteiro, já que geralmente é através dela que os homens tentam assumir uma ilusória posição de controle no relacionamento. A violência contra a mulher também é resultado do fato de alguns homens acharem que têm o direito a uma vida de privilégios, que deve ser proporcionada pelas mulheres. A violência sexual, por exemplo, acontece quando um indivíduo (geralmente um homem) acredita que tem o direito de fazer sexo com quem ele quiser, quando ele quiser e da maneira que ele quiser, não importa o desejo da outra pessoa.

Contudo, a violência não pode ser explicada apenas através das relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Ela também nasce das experiências de sofrimento e medo dos homens. O repertório de comportamentos dos homens jovens para responder a situações difíceis ou traumáticas da vida cotidiana - como tensões emocionais e situações de estresse -, é extremamente rígido e limitado. Se agregarmos a esse fato a dificuldade para pedir apoio e ajuda social e/ou familiar, por medo de parecer vulneráveis ou femininos, os homens jovens se encontram em situações de alto risco para cometer ou sofrer atos de violência.¹⁸

Em qualquer projeto ou grupo realizado com adolescentes e jovens de ambos os sexos, é muito comum escutar relatos de experiências de violência verbal, psicológica e até física vivenciadas pelos/as participantes. Infelizmente, muitos adolescentes já reproduzem com perfeição, em seus primeiros relacionamentos, as relações de poder desiguais e violentas que aprenderam e cresceram observando entre os adultos. Isso mostra que é necessário trabalhar com adolescentes e homens jovens sobre as desigualdades de gênero e suas consequências.

O silêncio dos homens jovens sobre a violência de outros homens também contribui para a violência doméstica. Mesmo com o intenso trabalho feito nos últimos anos para mudar isso, o ditado “Em briga de marido e mulher não se mete a colher” continua muito forte e presente. Por isso, o lema do Laço Branco é “*Jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos para essa violência*”. Temos que reconhecer que o nosso silêncio é cúmplice da violência.

¹⁸ Salud y Género (2001). “Série Trabalhando com Homens Jovens - Caderno Razões e Emoções”

Assim como no caso da violência entre homens, pesquisas mostram que homens que testemunharam durante a infância cenas de violência doméstica em suas próprias famílias, ou que foram vítimas de abuso ou violência em casa, são mais prováveis de usar violência contra suas parceiras e crianças. São inúmeros os fatores que levam alguns desses homens a repetirem a violência com sua mulher e crianças e outros a serem radicalmente contra qualquer forma de violência. Em cada caso, é importante compreender a situação e achar maneiras de quebrar o ciclo de violência que passa de geração para geração.

Como você pode observar, são vários os caminhos que podem ser tomados para compreender a violência de homens contra as mulheres. Contudo, esses fatores nunca devem ser usados para justificar a violência, e sim para compreendê-la e evitá-la. **Nada justifica a violência!** Numa situação de tensão e conflito, sempre temos a oportunidade de escolher vários caminhos, a violência é certamente o mais prejudicial para todos/as.

BOX - OS SETE P DA VIOLENCIA CONTRA A MULHER¹⁹

Um dos fundadores da Campanha do Laço Branco, Michael Kaufman desenvolveu um esquema que chamou dos “sete P da violência dos homens”, que tem por objetivo tentar compreender a complexa natureza e causa da violência na população masculina.

1. **Patriarcado** (ou poder patriarcal): discute que as sociedades dominadas por homens não são apenas estruturadas na hierarquia e violência de homens sobre mulheres, mas também de homens sobre outros homens e na internalização da violência, ou seja, a ‘auto-violência’. De acordo com o autor, as demandas e o tipo de organização das sociedades patriarcas constitui um ambiente favorável à violência. Nesse ambiente, a violência tem como uma de suas funções, a manutenção do poder e dos privilégios direcionados à população masculina.²⁰
2. **Privilégio** (ou a crença no direito de ter privilégio): indica que a violência perpetrada pelos homens não acontece apenas devido às desigualdades de poder, mas sim a uma crença - mais freqüentemente inconsciente - de merecimento de privilégios.
3. **Permissão:** para o autor, a violência contra a mulher é abertamente permitida e até estimulada pelos costumes sociais, pelos códigos penais e por algumas religiões. Do mesmo modo, a violência de homens contra outros homens não é apenas permitida, mas também valorizada através dos filmes, esportes e literatura.
4. **Paradoxo:** Kaufman denomina como paradoxas as experiências contraditórias do exercício de poder na vida dos homens, que, por um lado, adquirem prazer e satisfação e por outro, são obrigados a reproduzir um modelo inalcançável, gerando, portanto, sofrimento e privação. Além, disso, quando confrontados com o fracasso, com a impossibilidade de atingir este modelo hegemônico de masculinidade, muitos

¹⁹ Texto adaptado por Daniel Lima, a partir do texto: KAUFMAN, M. The White Ribbon Campaign: Involving Men and Boys in Ending Global Violence Against Women. In: PEASE, B., and PRINGLE, B. (eds.) *A man's world? Changing Men's Practices in a Globalized World*. London: Zed Books. 2001. 38-51p.

²⁰ A palavra “patriarcado” deriva do grego *pater* e se refere a um “território” governado por um patriarca. No sentido original, esta é uma autoridade masculina religiosa que tem poder sobre todos que lhe estão subordinados. Trata-se, portanto, de uma ideologia na qual o homem é a maior autoridade, devendo as pessoas que não se identificam fisicamente com ele (isto é, não sejam também adultos do sexo masculino) serem suas subordinadas, prestando-lhe obediência. (www.wikipedia.com).

homens jovens utilizam a violência como um mecanismo compensatório, procurando com isso restabelecer - para si mesmo e principalmente para os outros - a sua posição de ilusório poder.

5. **Psicologia** (*ou a armadura psicológica da masculinidade*): como citado acima, esta ‘armadura psíquica’ dos homens é constituída a partir da negação e rejeição de qualquer aspecto que possa parecer feminino, o que os afasta, por exemplo, da educação dos filhos e do cuidado.
6. **Pressão social** (*ou “a masculinidade como uma panela de pressão psíquica”*): homens são educados desde criança para não experienciar uma variedade de emoções e expressões de carinho e cuidado (ou ao menos não expressá-las em público), assim, sentimentos como medo, dor e carinho são freqüentemente desencorajados. Por outro lado, a raiva é uma das poucas emoções que os homens podem expressar livremente e assim diversas outras expressões são canalizadas por este canal.
7. **Passado** (*ou experiências passadas*): o fato de muitos homens crescerem observando atos de violência realizados por outros homens - muitas vezes os pais - pode caracterizar tais situações como a norma a ser seguida.

2.10. COMO CONSTRUIR RELAÇÕES JUSTAS E DEMOCRÁTICAS NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE?

A juventude é o período no qual muitos valores são estruturados. Assim, os comportamentos e hábitos que assumimos nessa fase têm grande possibilidade de nos acompanhar por toda a vida. Essa é uma das razões para a Campanha do Laço Branco ser direcionada principalmente para a promoção de relacionamentos igualitários entre adolescentes e jovens. Nunca é tarde para aprender maneiras mais saudáveis e prazerosas de nos relacionar; nem é cedo demais para começar!

Apesar de ser inegável que aprendemos muito sobre relacionamentos através da nossa família, não precisamos e não devemos ser uma cópia de nossos pais. A influência de nossos pais ou outros casais importantes, certamente tem um grande impacto na maneira como enxergamos os relacionamentos - nossas expectativas, medos, sonhos etc. O importante é que tenhamos a capacidade de enxergar tanto os “bons” quanto os “maus” exemplos, e a coragem de mudar quando entendermos que é necessário.

Relacionamentos saudáveis são aqui definidos como aqueles sem violência e sem a ameaça de violência. A violência destrói a confiança, o amor e a possibilidade de uma vida sexual mutuamente satisfatória e segura.

A mídia constantemente tenta nos vender uma visão de relacionamento perfeito, quase sempre retratando personagens heterossexuais, brancos e de classe média ou alta. O problema é que a vida real não é um comercial de margarina. Na verdade, ainda bem que não é! A vida real tem muito mais cor, mais diversidade, e os casais também são os mais diferentes possíveis. Além disso, você já pensou como a “família perfeita” dos comerciais de margarina se comportariam depois do café da manhã? Será que seriam sorridentes e felizes o tempo todo, ou também discutiriam e teriam momentos difíceis como qualquer família?

Os conflitos fazem parte de qualquer relacionamento e são causados por infinitos motivos. Mas os conflitos não precisam terminar em violência. Na verdade, muitas vezes

eles têm o importante papel de nos tirar da nossa zona de conforto e fazer com que enxerguemos com mais atenção e cuidado um outro ser humano (e também nós mesmos). Qualquer relação próxima com outra pessoa nos coloca em contato direto com um universo de diferenças - opiniões, posturas, gostos, manias etc. - estar aberto e preparado para vivenciar, respeitar e aprender com essas diversidades é um ponto crucial para ter um relacionamento saudável.

Isso significa que é importante que jovens de ambos os sexos aprendam a evitar padrões que envolvem a manipulação emocional, a imposição, o controle e o abuso.

Para as garotas, encorajamos que prestem bastante atenção ao comportamento dos seus namorados. Por exemplo, se ele não permite que você use determinadas roupas ou maquiagem, que você saia com suas amigas ou com qualquer outra pessoa a não ser que ele esteja presente, isso é algo que terá que ser discutido. É muito importante ter isso em mente porque o ciúme e o controle (muitas vezes visto como prova de amor), tendem a piorar com o passar do tempo. O que muitos/as enxergam como algo “normal”, na verdade já é uma forma de violência. A violência física, muito mais lembrada e discutida, raramente começa no início do relacionamento e sim, depois de meses, e geralmente anos de abuso psicológico, agressões verbais, humilhações e ameaças.

Para os garotos, a maior mensagem que podemos deixar é que conversem sobre seus problemas e seus medos, compartilhem seus sentimentos e seus sonhos. Assim como as garotas, os garotos também sofrem e têm dúvidas, o problema é que muitas vezes acham que expor essas questões os tornará fracos, ou menos homem. Converse com pessoas mais velhas, converse com amigos, com familiares e principalmente, caso esteja em um relacionamento, converse com sua/eu companheira/o. A falta de diálogo só gera sofrimento e é um dos maiores fatores relacionados à nossa grande exposição a violência, seja como vítima ou autor de violência.

Portanto, o grave problema da violência em nosso país, e mais especificamente, a violência de homens contra as mulheres, pode ser trabalhado e compreendido de várias maneiras. A atuação da polícia é apenas *uma* dessas maneiras. Não podemos perder de vista que para eliminar de fato a violência contra a mulher, precisamos nos concentrar mais no diálogo do que na polícia. Precisamos nos concentrar mais na cooperação entre homens e mulheres, do que na simples tarefa de apontar quem é a vítima e quem é o autor da violência. Precisamos nos concentrar mais na educação, na saúde e em políticas públicas que construam novas possibilidades e menos apenas em prisões, que só reforçam as desigualdades e fecham as janelas para a compreensão e para a construção de um outro mundo.

Temos que aproveitar este momento para construir coletivamente outras alternativas, com homens e mulheres trabalhando juntos pela eqüidade de gênero e pelo fim de todas as formas de violência.

PARTE 3.

SUGESTÕES PARA TRABALHO EM GRUPO

3.1. ORIENTAÇÃO GERAL SOBRE A REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

As atividades propostas neste manual se configuram aos moldes de uma oficina, cuja duração varia de acordo com a atividade e cuja dinâmica aborda dimensões diversas da violência de gênero.

Recomendamos aos/as facilitadores/as:

- Sempre que for possível, realize as 16 atividades como um conjunto, desenvolvendo todas com o mesmo grupo de jovens;
- No início de cada novo grupo, é importante construir com os participantes algumas “regras de convivência”, por exemplo: respeito, sigilo e pontualidade. Escreva as regras em uma cartolina e pendure-a em um local de grande visibilidade;
- A nossa experiência mostra que as atividades são mais produtivas com um grupo de, no máximo, 15 participantes;
- O tempo de duração é uma recomendação baseada em nossas experiências com as atividades, contudo, vários fatores podem aumentá-lo ou diminuí-lo;
- Procure sempre um espaço amplo e agradável para a realização das oficinas, onde os participantes possam circular e ter privacidade;
- Em todos os momentos que o ‘grande grupo’ estiver formado, organize as cadeiras em círculo para que todos possam se ver;
- Quando possível, recomendamos que dois facilitadores coordenem o grupo;
- Os facilitadores devem tentar criar um espaço de segurança e respeito, sem pré-julgamentos ou críticas sobre as atitudes e comportamentos dos jovens;
- É possível que, em alguns momentos, os jovens apresentem conflitos de idéias. É tarefa do facilitador intervir e tentar restabelecer o respeito pelas diferentes opiniões;
- É importante lembrar que para muitos homens jovens, manter contato físico com outro homem nem sempre é uma tarefa fácil. Leve isso em consideração se um jovem mostrar-se desconfortável, e respeite seu limite;
- Os “pontos para discussão” sugeridos nas atividades não precisam ser deixados para o final da oficina, podendo ser usados em qualquer momento que o facilitador achar mais adequado.

3.2. Trabalhar só com rapazes ou em grupos mistos?

Nossa experiência tem-nos mostrado que é possível trabalhar tanto em grupos formados só por homens jovens, como também grupos mistos.

Alguns homens jovens se sentem mais à vontade em discutir temas como sexualidade e raiva e em expor suas emoções sem uma presença feminina. Num contexto de grupo, com um facilitador e outros homens jovens, alguns homens são capazes de falar sobre sentimentos e temas que nunca haviam falado antes. Por outro lado, recomendamos que pelo menos uma parte do tempo seja dedicada a trabalhar com homens e mulheres juntos. Homens e mulheres vivem juntos, trabalham juntos; alguns formam parcerias afetivas e famílias das mais diversas formas e arranjos. Como educadores, professores e profissionais que trabalham com jovens, acreditamos que devemos promover interações que propiciem respeito e eqüidade.

3.3. FACILITADORES HOMENS OU MULHERES?

A experiência das organizações colaboradoras é que, em alguns contextos, os rapazes preferem a oportunidade de trabalhar e interagir com um homem como facilitador, que poderá escutá-los e, ao mesmo tempo, servir de modelo em alguns aspectos para pensar o significado de ser homem. Contudo, nossa experiência coletiva sugere que a qualidade do facilitador - a habilidade, do homem e da mulher enquanto facilitadores, de engajar o grupo, de escutá-lo e de motivá-lo - são fatores mais importantes que o sexo do facilitador.

Acreditamos também que seja importante ter facilitadores trabalhando em pares, às vezes em pares mistos (homem e mulher), o que traz importantes contribuições para mostrar aos homens jovens, homens e mulheres cooperando para a construção de igualdade e respeito.

3.4. Estratégias de avaliação

A seguir, você encontra um instrumento de avaliação chamado “Normas de Gênero”²¹. Sugerimos que você faça cópias do questionário e peça que os participantes preencham o mesmo no início do grupo e novamente, após o término de todas as atividades. O questionário não objetiva captar as opiniões individuais dos participantes, mas sim, saber em que medida a opinião do grupo mudou após a participação nas atividades. Com esses dados em mãos, você pode saber o melhor caminho a tomar em uma possível continuação do grupo. Ele pode também ser um ótimo instrumento para avaliar mudança a médio prazo, caso seja aplicado ao mesmo grupo alguns meses depois.

EDIÇÃO - FORMATAR NORMAS DE GÊNERO (a seguir) EM QUADRO ILUSTRATIVO

NORMAS DE GÊNERO

Marque um “x” na coluna que melhor representar o que você acha das 25 afirmações abaixo. Isto não é um teste, por isso, não existe resposta certa ou errada.

²¹ Com algumas modificações, este instrumento representa a Escala GEM (Escala de Atitudes Eqüitativas de Gênero para Homens), um dos componentes do Programa H, desenvolvido pelo Instituto Promundo e pelo Population Council para medir mudanças nas atitudes de homens jovens e em “normas” de comportamento locais, resultantes de atividades programáticas.

	Frases	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não concordo	Não sei
1	Se alguém me insulta, defendo minha honra até com a força se necessário.	1	2	3	4
2	Existem momentos nos quais a mulher merece apanhar.	1	2	3	4
3	Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra.	1	2	3	4
4	O homem precisa mais de sexo do que a mulher.	1	2	3	4
5	É importante para o homem ter um amigo com quem possa falar de seus problemas.	1	2	3	4
6	Eu nunca teria um amigo gay.	1	2	3	4
7	O homem sempre está disposto para transar.	1	2	3	4
8	O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família.	1	2	3	4
9	É da natureza do homem trair sua companheira.	1	2	3	4
10	É o homem quem decide de que forma e quando o casal vai transar.	1	2	3	4
11	Com freqüência me sinto pressionado a fazer coisas que não quero pelos meus colegas.	1	2	3	4
12	O homem pode bater na mulher se ela não quiser transar com ele.	1	2	3	4
13	Sinto vergonha quando vejo um homem se expressar de forma feminina.	1	2	3	4
14	Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas só da mãe.	1	2	3	4
15	Para mim, tanto o homem quanto a mulher podem propor o uso de preservativos.	1	2	3	4
16	A mulher deve agüentar a violência do marido ou namorado para manter a família ou o relacionamento.	1	2	3	4
17	Se a mulher quiser, ela pode ter mais de um parceiro sexual.	1	2	3	4
18	Homem que é homem transa só com mulher.	1	2	3	4
19	Se a mulher traír o homem, ele pode bater nela.	1	2	3	4
20	Se um homem presenciar uma cena de outro homem batendo numa mulher, ele deve interferir na briga.	1	2	3	4
21	Se um homem ficar sabendo que seu amigo bateu na namorada, ele deve conversar com ele sobre isso.	1	2	3	4
22	Quando uma garota diz “não”, na verdade, ela quer que o rapaz continue insistindo.	1	2	3	4
23	Acima de tudo, o homem precisa de respeito.	1	2	3	4
24	Os homens são naturalmente mais violentos do que as mulheres.	1	2	3	4
25	Quando uma mulher está numa relação violenta, a responsabilidade de sair da situação é exclusivamente dela.	1	2	3	4

3.5. ÍNDICE DAS OFICINAS

Embora as oficinas apresentadas neste manual possam ser realizadas isoladamente e incluídas em outros programas de sensibilização e reflexão sobre violência contra a mulher, a seqüência na qual estão apresentadas tem o objetivo de:

1. Explorar, inicialmente, as questões de gênero que nos permitem compreender como a violência contra a mulher passa a ser construída culturalmente como algo “normal”, “natural”, relativo ao próprio lugar das mulheres e dos homens na sociedade (Oficinas 1 a 6);
2. Identificar a diversidade de expressões de violência (Oficinas 7 a 12).
3. Promover caminhos, possibilidades e estratégias de contribuir para o fim da violência (Oficinas 13 a 16).

A seguir uma breve síntese da mensagem principal que queremos promover com cada atividade.

	TÍTULO	MENSAGEM PRINCIPAL
Oficina 1	A vida dentro de uma caixa: os homens devem... as mulheres devem...	As escolhas dos homens e das mulheres são limitadas pelos estereótipos e expectativas de gênero.
Oficina 2	Nem sempre foi assim: compreendendo o passado para construir um futuro sem violência	O que conhecemos como “masculino” e “feminino” foi (e continua sendo) construído ao longo da história e da nossa socialização.
Oficina 3	Cultura também reforça preconceitos.	Os preconceitos e estereótipos de gênero são reforçados pela cultura e podem promover discriminação e violência
Oficina 4	Cuidando de si: homens, gênero e saúde	Reproduzir o modelo machista pode gerar consequências indesejáveis também para os homens.
Oficina 5	Otário vivo ou valente morto: a honra masculina	A honra é muitas vezes usada como justificativa para a violência. Não se deve reagir à violência com mais violência.
Oficina 6	Pessoas e coisas	O poder e a subordinação estão na base de qualquer forma de violência.
Oficina 7	O varal da violência	Às vezes, também praticamos violência. Para mudar, é preciso refletir sobre as várias formas de violência que praticamos ou sofremos.
Oficina 8	Diversidade e direitos: eu e os outros	Discriminação é também uma forma de violência.
Oficina 9	Assédio sexual - algumas vezes, sempre e nunca	O assédio sexual é um tema complexo, um crime previsto na lei brasileira que tem relação direta com a desigualdade de poder nas relações.
Oficina 10	Violência sexual; é ou não é?	Nem sempre é fácil identificar a violência sexual e para acabar com este tipo de violência é preciso identificar as condições que a reforçam e as maneiras de eliminá-la ou preveni-la.
Oficina 11	Poder e violência nas relações sexuais: a história de Samuca	É preciso refletir sobre a questão do poder e da violência nas relações sexuais e sua relação com a saúde, incluindo DST/AIDS.
Oficina 12	Da violência para o respeito na relação íntima	Há relações íntimas que são marcadas pela violência, porém é possível construir relações íntimas baseadas no respeito.
Oficina 13	Do conflito à violência: definindo limites	É preciso aprender a lidar com momentos de conflito, evitando a violência e encontrando alternativas mais saudáveis.
Oficina 14	Expressão e manifestação das emoções	Somos educados a não expressar determinadas emoções. É importante analisar os custos dessa socialização para nossa saúde e bem-estar.
Oficina 15	Promovendo mudanças: as escolhas que fazemos	É preciso conhecer as alternativas que existem hoje pelo fim da violência contra a mulher. A responsabilidade para mudar essa situação é de todos e todas.
Oficina 16	Campanha do Laço Branco: Definindo um plano de ação	Tudo começa com um bom plano prático de ação.

Oficina 1: A vida dentro de uma caixa: os homens devem...as mulheres devem...²²

Objetivos: Discutir sobre estereótipos e expectativas de gênero e observar como os mesmos limitam as escolhas de homens e mulheres.

Materiais necessários: Folha de apoio “Pensando sobre características tradicionais atribuídas a mulheres e homens” (ou folha de papel A4), lápis ou caneta.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para planejamento: Este exercício trabalha as distinções entre *sexo* (as diferenças biológicas entre os corpos de homens e mulheres) e *gênero* (as construções históricas, culturais e sociais feitas sobre o corpo de homens e mulheres). Ao contrário de nosso sexo, que é uma característica geralmente imutável, as definições de gênero mudam de geração a geração, de cultura para cultura e dentro de diferentes grupos socioeconômicos e étnicos. Como diz o título da oficina, as construções de gênero geralmente são carregadas de estereótipos que colocam homens e mulheres “dentro de caixas”, ditando o que é apropriado e inapropriado para cada um e assim, limitando sua capacidade de aprendizado e crescimento.

A seguir, alguns alertas especiais:

1. Todos sabemos que as mudanças não ocorrem apenas por racionalização. Qualquer mudança nas relações humanas remete a reflexões que passam também por costumes que estão fortemente associados a memórias e afetos. Portanto, é importante que o/a educador/a esteja atento para possíveis situações que possam extrapolar a idéia da oficina que é antes de tudo refletir sobre os padrões culturais com vistas a mudanças, mas não uma “desorganização” da vida das pessoas. Vale a pena ficar atento e, se for o caso, dialogar pessoalmente com algum participante que se sinta mais afetado com a atividade.
2. Caso os participantes do grupo não se conheçam, é interessante lançar mão de uma brincadeira para tornar mais dinâmica a apresentação das pessoas. Por exemplo, você pode dividir o grupo em duplas e pedir que, durante 10 minutos, uma pessoa entreviste a outra a partir das seguintes perguntas: Com que personagem (real, fictício, de desenho animado, filme, História etc.) você se identifica? Por quê? Em seguida, inverta os papéis: o entrevistado agora se torna entrevistador, usando as mesmas perguntas. Dê mais 10 minutos às duplas. Depois, no grande grupo, peça a qualquer um dos participantes que apresente o seu entrevistado, identificando seu nome, o personagem com o qual ele se identifica e por que. Siga assim até o último participante.
3. O/a facilitador/a pode utilizar algumas das opções abaixo para estimular a discussão:
 - Letras de músicas que contenham estereótipos de gênero;
 - Imagens de homens e mulheres (revistas e jornais) retratando diferentes papéis tradicionais;
 - Conversar com os jovens sobre as expectativas de gênero no mundo. Apesar da tão falada globalização, as desigualdades entre homens e mulheres ainda apresentam-se de maneira bastante marcante entre diferentes culturas;
 - Leitura da história “O jogo da masculinidade”, no material de apoio (folha 2).

²² Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

Procedimentos:**1. Atividade inicial (20 minutos):**

- 1.1. Pergunte aos participantes o que o termo “pressão de grupo” significa para eles.
- 1.2. Após escutar algumas definições, peça que identifiquem situações em que eles ou amigos foram pressionados pelo grupo para fazer alguma coisa.
- 1.3. Divilde a turma em pares (se estiver trabalhando com grupo misto, fazer duplas do mesmo sexo) e distribua as folhas de atividade. Diga aos participantes que eles têm cinco minutos para preencher a folha de exercício e que é importante que não mostrem suas respostas para as outras duplas. Peça para listarem cinco tipos de comportamentos ou qualidades que tradicionalmente são definidas como apropriadas ou inapropriadas para homens e mulheres.
- 1.4. Comunique que as respostas não precisam necessariamente representar o que eles pensam, mas sim, a visão tradicional da sociedade.

Discussão com o grupo: (50 minutos)

1. **Homem e mulher:** Em um quadro ou cartolina, desenhe duas colunas e escreva “Homem” e “Mulher” no topo. Convide os participantes a retomarem o grande grupo e peça que as duplas compartilhem (uma resposta de cada dupla) o que discutiram sobre as mulheres. Faça o mesmo para saber as opiniões sobre os homens. Enquanto isso, escreva as respostas nas colunas. Pergunte aos participantes o que acham das listas e peça que eles façam uma comparação entre elas. Como o grupo resumiria cada lista?
2. **Natural/biológico?** - Peça aos participantes que apontem quais comportamentos ou qualidades listadas podem ser definidas como biológicas. (Como você vai observar, poucas ou nenhuma são biologicamente determinadas. Neste ponto, você pode introduzir a distinção entre sexo biológico e construção social de gênero.) Se elas não são naturais/biológicas, de onde tiramos essas idéias?
3. **Espaços** - Desenhe uma caixa em volta de cada lista. Explique que cada caixa representa um espaço em que homens e mulheres são tradicionalmente estimulados/pressionados a viver.
4. **Mulheres que saíram da caixa** - Pergunte aos participantes quantas garotas e mulheres eles conhecem que já “saíram de suas caixas” - ou seja, não se encaixam em todos os pontos. Discuta o que levou as mulheres a mudarem. (Você pode falar como o movimento de mulheres e o movimento feminista ajudou muitas mulheres a escaparem de suas tradicionais caixas e lutarem por direitos iguais) Como as mulheres se beneficiaram por escapar de suas caixas? Como são vistas as mulheres jovens quando não se adaptam dentro das caixas? Mesmo hoje, ainda existe uma pressão para que as mulheres vivam de acordo com o conteúdo dessa caixa?
5. **Homens que tentam sair da caixa** - Pergunte quantos garotos e homens eles conhecem que vivem de acordo com tudo o que está contido na caixa. O que acontece quando garotos e rapazes tentam escapar da caixa? (Ele vai ser agredido ou vão “zoar” com ele?) E com os garotos e rapazes que vivem ou

tentam ao máximo se adaptar a essa caixa, o que acontece? (O que observamos, é que existe um sistema de recompensas e punições que mantêm rapazes e homens em suas caixas. Um exemplo disso é a exaltação da virilidade entre os homens, que é algo ainda muito valorizado e cobrado, mas que ao mesmo tempo, torna os mesmos vulneráveis à violência). De que maneiras os homens jovens são chamados quando eles não se adaptam à caixa? Mesmo hoje, ainda existe uma pressão para que homens vivam de acordo com o conteúdo da caixa?

6. **Instituições** - Quais são os fatores que nos pressionam a representar esses papéis de gênero? Como aprendemos os mesmos? Quais são as pessoas e/ou instituições que nos ensinam esses estereótipos? (Há vários locais de aprendizado de comportamentos estereotipados de homens e mulheres: a família, a escola, a religião, os esportes, a mídia, a música etc.).

Fechamento: (20 minutos)

Pergunte ao grupo:

1. Como homens e mulheres podem se beneficiar se decidirem viver livres das imposições dessas caixas? Como podem se prevenir?
2. Quais os possíveis efeitos de ser forçado a viver nessas caixas? Um exemplo marcante é a violência sofrida por mulheres dentro do relacionamento, quando as mesmas vivem em caixas que ditam que elas devem ser frágeis, submissas e dependentes de um homem.
3. Quais escolhas nós podemos fazer em nossas vidas para ajudar não apenas nós mesmos, mas também os outros, a escapar dessas caixas? Momentos como esse, quando paramos e discutimos sobre como vivemos nossas vidas e como queremos viver nossas vidas, são de grande importância para a mudança.

Como estratégia para facilitar o diálogo, o/a educador/a pode ler a narrativa da folha de apoio 2 e iniciar uma discussão em grupo.

FOLHA DE APOIO 1

Pensando sobre características tradicionais atribuídas a mulheres e homens.

Nomes dos integrantes do grupo: _____

No quadro abaixo, escreva cinco tipos de comportamentos ou qualidades que tradicionalmente são dados para mulheres e homens.

Comportamentos/Qualidades tradicionais para homens	Comportamentos/Qualidades tradicionais para mulheres

FOLHA DE APOIO 2

O jogo da masculinidade²³

Em uma partida de futebol de salão, válida pelos jogos internos de um colégio de ensino médio, o time do 2º Ano estava perdendo por 8 a 2. Faltavam apenas 5 minutos para o apito final. Incomodados com a situação, os jogadores que estavam perdendo decretaram: “Não podemos sair humilhados da quadra”. Já que não tinham mais chance de ganhar, passariam, então, os minutos restantes dando pontapés, “carrinhos” e xingando os adversários. Depois da rápida conversa, as agressões começaram e o jogo passou a ser parado repetidas vezes pelo juiz. A torcida do 2º Ano vibrava demonstrando seu apoio à atitude dos garotos. Mas algo estava errado, Fábio recusava-se a agredir os adversários e continuava jogando seu bonito futebol, com dribles e belos passes. Inconformados com a atitude dele, seus companheiros de time e grande parte da torcida começaram a hostilizá-lo. Seus colegas de turma gritavam “*Bate neles rapaz, você não é homem não?!*” e a torcida acompanhava chamando-o de “mulherzinha”, “bicha”, “viado”. Durante os cinco minutos seguintes a pressão só aumentou. Fábio, visivelmente angustiado, continuou jogando bola e tentando fingir que nada escutava. Foi ai que há segundos do apito final ele foi dividir uma bola e entrou violentamente no joelho de um adversário, ao mesmo tempo, acertou um soco no rosto do garoto. Como não podia deixar de ser, foi expulso. Ao sair da quadra, seus companheiros lhe davam tapinhas nas costas, congratulando-o pelo feito e falando “*É isso ai! Demorou!*”, e a torcida o aplaudia e gritava seu nome. Fábio tentava esboçar um sorriso mas o constrangimento em seu rosto era evidente. Sozinho, ele subiu na sua bicicleta e foi embora.

²³ História verídica acontecida em Recife em 1999, descrita por Daniel Costa Lima.

Oficina 2: Nem sempre foi assim: compreendendo o passado para construir um futuro sem violência²⁴

Objetivos: Incentivar os participantes a entrar em contato com pessoas de gerações anteriores e entender como o que conhecemos como “masculino” e “feminino” foi (e continua sendo) construído ao longo da história e da nossa socialização.

Materiais necessários: folha de apoio para esta oficina.

Tempo recomendado: Entre 1 e 4 horas.

Dicas para o planejamento:

- Freqüentemente escutamos comentários sobre as mudanças de comportamento que ocorrem de uma geração para outra, muitas vezes eles começam assim “*No meu tempo as coisas eram diferentes...*”. Infelizmente, o que poderia ser um momento de grande aprendizado e crescimento para todos os lados envolvidos, muitas vezes torna-se uma disputa vazia sobre quem tem mais razão e qual geração tinha os melhores valores.
- Esta atividade tem o objetivo de abrir um canal de diálogo construtivo entre os participantes e pessoas mais velhas que eles admiram (com preferência para as idosas). Com esse diálogo, esperamos que os jovens possam ver como muita coisa já mudou em relação ao que é esperado de homens e mulheres (e como outras continuam bem parecidas), e também, como esse processo de mudança tem que continuar para que tenhamos uma sociedade mais justa e com menos violência entre homens e mulheres.
- Esta experiência prática pode mostrar aos jovens como alguns comportamentos ou atitudes que muitos vêem como sendo causados por fatores biológicos, são na verdade, passados de geração para geração através da educação. Por exemplo, a violência de homens contra as mulheres não é algo natural ou que está contido em nossos genes, e sim, algo que aprendemos. Com atividades como esta pretendemos aprender novas formas de socialização e desaprender a violência.
- Para completar esta atividade, serão necessários no mínimo dois encontros.

Procedimentos:

Parte 1: (90 minutos) divida o grupo em subgrupos com quatro ou cinco participantes. Os grupos devem ser divididos entre “a geração dos meus pais” e a “geração dos meus avós”. Explique que eles devem completar algumas frases pensando em como isso seria nessas gerações. As frases são:

- Na minha geração, os homens eram...
- Na minha geração, as mulheres eram...
- Nessa época, a escola era...
- Nessa época, o namoro era...
- A melhor coisa de ser jovem nessa época era...
- A pior coisa de ser jovem nessa época era...

²⁴ Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

Retome o grande grupo e escute as respostas dos grupos. Eles acharam a atividade difícil? Eles conversam com seus pais ou avós sobre esse tipo de coisa? Quais as mudanças mais marcantes entre a sua geração e a de seus pais e avós? Como os papéis de homens e mulheres têm mudado com a história?

Parte 2: (1 hora) Diga ao grupo que eles devem pensar em um adulto (de preferência alguém da terceira idade/idoso) que eles admiram, alguém que eles acham interessante. Depois, informe que a proposta da atividade é que cada um entreviste essa pessoa (ver folha de apoio). Este diálogo inter-geracional tem o objetivo de aprofundar as frases trabalhadas no encontro anterior e fazer com que os jovens percebam como algumas mudanças profundas aconteceram em um pequeno período histórico. O mundo está constantemente mudando (principalmente o modo como agimos e pensamos) e com interesse e acesso a informação, eles podem tornar-se autores conscientes desse processo de mudança, contribuindo para a sociedade que desejam.

Divida o grupo em duplas e peça que trabalhem por 30 minutos nas perguntas que gostariam de fazer. Peça que concentrem suas perguntas nas temáticas que vêm sendo discutidas no grupo. Quando tiverem concluído, apresente a folha de apoio e diga que eles podem incluir as questões que acharem pertinentes.

Parte 3: Realização da entrevista e elaboração de ‘relatório’ (utilizar folha de apoio como auxílio para as tarefas). Essa parte da atividade será realizada fora do grupo.

Parte 4: Os jovens devem retornar ao grupo para apresentar seus ‘relatórios’. Não é necessário ler tudo o que foi escrito, mas sim, ter uma impressão geral sobre o que acharam da atividade e o que foi mais marcante para eles.

Fechamento.

Neste momento, é interessante apontar que as mudanças observadas nos últimos 50 anos foram muito mais marcantes entre as mulheres e que isso teve um grande impacto em nossa sociedade atual. Isso foi notado nas entrevistas? Aproveite para falar sobre a luta dos movimentos de mulheres e movimentos feministas por direitos iguais (salários e oportunidade de trabalho iguais, mais participação na vida política, direitos sexuais e reprodutivos, direito a uma vida sem violência etc.). Por que os homens parecem resistir mais às mudanças que têm ocorrido em nossa sociedade? As mulheres são violentas? Se são (ou não), por quê? Como manifestam sua agressividade?

Folha de Apoio Entrevistando um Adulto Influente

Algumas perguntas para a entrevista

- Crescer hoje é igual ou diferente do que crescer há anos atrás?
- Quantos anos você estudou? Como era a escola?
- Você se lembra de exemplos de discriminação contra as mulheres que eram muito comuns em sua época?
- A sua escola discutia esses assuntos?
- Quem mais lhe ensinou sobre ser homem/mulher e o que você aprendeu com essa pessoa?
- Quais tipos de coisas você fazia depois da escola todos os dias?
- Qual mulher mais o influenciou na vida e como?
- Qual homem mais o influenciou na vida e como?
- Você sofreu alguma agressão ou humilhação quando era criança?
- O que você gostaria de fazer ou dizer se visse alguém ser humilhado ou agredido dessa forma hoje em dia?
- Qual foi a maior mudança para as mulheres que você presenciou?
- Qual foi a maior mudança para os homens que você presenciou?
- O que você queria que tivesse sido diferente quando você era jovem?
- O que você queria que alguém tivesse te contado sobre os homens/mulheres quando você era jovem?
- O que você queria que seu pai ou sua mãe tivesse feito ou em que modo você desejava que eles tivessem sido diferentes?
- O que você mais gosta em ser homem/mulher?

Dicas para entrevista

- Quando for convidar a pessoa, explique por que você quer realizar a entrevista e pergunte se ele/a está disponível e tem tempo para conversar;
- Escolha um lugar tranquilo para conversar com a pessoa escolhida;
- O entrevistado não precisará ser identificado pelo nome;
- Leve um papel com as perguntas e faça as mais importantes no início;
- Dê ao seu entrevistado sua total atenção, o objetivo principal desse encontro é escutá-lo (mas lembre-se que é importante demonstrar seu envolvimento e interesse);
- Leve um caderno e anote rapidamente os assuntos que você achar mais interessantes (se você copiar tudo provavelmente não conseguirá prestar muita atenção);
- O objetivo é que esse encontro seja um momento de troca e crescimento mútuo. Durante a conversa, comente as coisas que achar que são diferentes entre as suas gerações (tente evitar comentários sobre qual geração é melhor ou pior);
- Aproveite o máximo possível e agradeça seu/ua entrevistado/a!

Roteiro para orientar o ‘relatório’ da entrevista

- Descreva quem é a pessoa que você escolheu e como a conheceu.
- O que achou da entrevista?
- Liste três coisas novas que você aprendeu.
- O que mais mudou para homens e mulheres entre a sua geração e a dele/a?
- Alguma coisa surpreendeu você?
- A partir do que foi conversado, você acha que as mudanças ocorridas para homens e mulheres foram positivas ou negativas?

Oficina 3: Cultura também reforça preconceitos²⁵

Objetivos: Entender como a cultura pode reforçar ou mudar preconceitos e estereótipos sobre o que é ser homem e ser mulher.

Materiais necessários:

- Cópias da letra da música A (Ai que saudades da Amélia) e música B (Homem também chora);
- Cópias da “Lista de Questões sobre a música” para cada participante ou grupo;
- Revistas, caneta ou lápis;
- Aparelho de som (opcional).

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para os educadores:

- Nós esperamos que esta atividade sirva como um catalisador para estimular a reflexão dos participantes sobre o que pode ser bom e também o que pode ser negativo em uma música. Não se esqueça de que uma música pode ter mensagens sensuais e, ao mesmo tempo, anti-racistas, ou pode ser homofóbica e, ao mesmo tempo, aparentar ter visões positivas sobre as mulheres.
- O/a facilitador/a pode 1) escolher outras músicas, especialmente aquelas de apelo popular (pagode, axé, brega, funk) e trabalhar sobre essas músicas ou 2) estimular que os jovens tragam outras músicas para serem trabalhadas. Porém, é importante não fazer julgamento de valor sobre o gosto musical dos participantes. O que importa neste exercício é mostrar como a cultura que nos diverte também pode apresentar mensagens que reforçam preconceitos e podem estimular também a discriminação ou violência.
- É interessante alertar que a letra da música “Um homem também chora” apresenta uma proposta de mudança do modelo cultural masculino, mas que também apresenta contradições ao afirmar ainda a idéia de violência (“guerreiros”) ou de honra e trabalho (“sem o seu trabalho o homem não tem honra”) como marcas positivas de masculinidade.

Box: Gênero e mídia. As imagens que assistimos diariamente na televisão estão carregadas de mensagens, algumas de fácil leitura. Outras são tão sutis que quase sempre passam desapercebidas. A mídia, como parte da sociedade, reflete os valores da mesma, com isso o machismo está estampado por todos os lados. Geralmente, os homens e as mulheres presentes em comerciais associam-se, quase exclusivamente, a um padrão heterossexual de relação, em que desempenham papéis culturalmente tradicionais: o homem como provedor ou líder da família e a mulher como dona de casa, dependente, afetiva e líder expressiva da família. Apesar das tentativas de apresentar rupturas nos padrões tradicionais, geralmente via dispositivos humorísticos, esses ainda são minoria.²⁶

²⁵ Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

²⁶ MEDRADO, Benedito - O masculino na mídia. Dissertação de mestrado - PUC/SP, 1997.

Procedimentos

1. Diga aos participantes que as músicas são parte da cultura. Que as músicas não criam preconceitos, mas que podem reforçá-los e que, através da linguagem, podemos valorizar comportamentos indesejados, inclusive a discriminação e o preconceito.
2. Divida o grupo em duplas ou pequenos grupos e distribua as letras das músicas 1 e 2 entre os grupos (1 música para cada grupo ou dupla)
3. Em duplas ou pequenos grupos (20-30 minutos) - peça aos participantes para responderem às questões na folha de perguntas. Não precisam elaborar respostas muito extensas, apenas anotações para posterior discussão. As anotações darão início a discussões.
4. Em grupo maior (20 minutos) - cada grupo deve apresentar sua música a partir da lista de questões. Incentive o diálogo sobre cada apresentação.

Fechamento (10 minutos)

- Reafirme que, quando uma pessoa compõe uma letra ou quando um cantor canta uma música, eles podem não ter a intenção de reforçar preconceitos ou promover a discriminação e o preconceito. As pessoas que ouvem e gostam dessas músicas também não são necessariamente preconceituosas. Porém, a música, assim como as novelas, as propagandas, os comerciais, a poesia, podem reforçar preconceitos e estereótipos, naturalizando a discriminação e a violência.
- Você poderá seguir perguntando se há artistas que, na visão deles, transmitem mensagens opostas às mensagens machistas que geralmente ouvimos.

Sugestão para atividade extra

- Vários grupos têm discutido sobre o papel da mídia, em especial da publicidade (com destaque para os comerciais de cerveja), na manutenção e reforço dos estereótipos de gênero. Com algumas revistas e jornais velhos, cartolina, cola, tesoura e canetas, você pode propor ao grupo uma colagem contendo imagens que retratem esse olhar sexista e machista. Algumas discussões que podem emergir dessa atividade: por que ao tentar vender cerveja, carro, sabonete etc., o corpo da mulher é “vendido” junto?; por que tantos produtos direcionados para os homens trazem a mensagem de que com eles, nós seremos mais desejados para as mulheres e mais viris?

FOLHA DE APOIO 1

MÚSICA A	MÚSICA B
<p>Ai que saudade da Amélia <i>Composição: Mário Lago / Ataulfo Alves (1942)</i></p> <p>Nunca vi fazer tanta exigência Nem fazer o que você me faz Você não sabe o que é consciência Nem vê que eu sou um pobre rapaz</p> <p>Você só pensa em luxo e riqueza Tudo o que você vê você quer Ai meu Deus que saudade da Amélia Aquilo sim é que era mulher</p> <p>Às vezes passava fome ao meu lado E achava bonito não ter o que comer E quando me via contrariado Dizia meu filho o que se há de fazer</p> <p>Amélia não tinha a menor vaidade Amélia é que era mulher de verdade Amélia não tinha a menor vaidade</p>	<p>Um homem também chora <i>Composição: Gonzaguinha (1983)</i></p> <p>Um homem também chora Menina morena Também deseja colo palavras amenas Precisa de carinho Precisa de ternura Precisa de um abraço da própria candura</p> <p>Guerreiros são pessoas são fortes, são frágeis Guerreiros são meninos por dentro do peito Precisam de um descanso Precisam de um remanso Precisam de um sonho que os tornem perfeitos</p> <p>É triste ver meu homem guerreiro menino com a barra do seu tempo com o nosso ideal São frases perdidas num mundo por sobre seus ombros Eu vejo que ele sangra Eu vejo que ele berra a dor que tem no peito pois ama e ama Um homem se humilha se castram seus sonhos Seu sonho é sua vida e vida é trabalho</p> <p>E sem o seu trabalho o homem não tem honra E sem a sua honra se morre, se mata se morre se mata não dá pra ser feliz não dá pra ser feliz</p>

FOLHA DE APOIO 2
QUESTÕES SOBRE A MÚSICA

Nomes dos participantes: _____

Nome da Banda ou cantor: _____

1. Sobre o que fala a música?

2. Descreva o comportamento das mulheres nessa música.

3. Descreva o comportamento dos homens nessa música.

4. Como os personagens da música se relacionam entre si?

5. A relação existente é saudável ou não?

6. Que tipo de informação adicional a pessoa que ouvir a música pode tirar?

7. Como os homens da música são relacionados ao mundo? (Por exemplo, eles se vêem como superiores ou “responsáveis” pelas coisas?)

8. Como você reage a esta música?

9. Você consideraria os homens/ mulheres desta música exemplos de vida?

Oficina 4: Cuidando de Si: Homens, Gênero e Saúde²⁷

Objetivos: promover reflexões sobre a importância do autocuidado para a vida dos homens, evidenciando a idéia de que reproduzir o modelo machista pode gerar consequências indesejáveis também para os homens.

Material: Cópias da folha de apoio, cartolina, lápis, hidrocor ou caneta.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento: a cartolina pode ser substituída por um quadro ou “flip-chart”. Caso não tenha à disposição esses materiais, basta ler em voz alta as perguntas e respostas. Para grupos com dificuldade de leitura, a cartela também pode ser substituída pela leitura em voz alta.

Procedimentos:

1. Divida os participantes em grupos menores.
2. Entregue uma cópia da folha de apoio para cada grupo (ou copie as perguntas no quadro).
3. Apresente a “loteria da vida” aos participantes, informando que nela existem três colunas: Homem, Mulher e Ambos. O grupo deverá responder as 13 perguntas, marcando com um “X” a resposta que achar correta.
4. Dê 20 minutos para que o grupo discuta e marque as respostas. (Circule pela sala e estimule que o grupo reflita o máximo possível sobre cada pergunta)
5. Em seguida, reproduza a tabela no quadro ou numa cartolina e leia cada questão. Pergunte as respostas dos grupos e anote-as no quadro ou cartolina.
6. Explore as respostas dos grupos, solicitando justificativas.
7. Ao final, volte para o quadro e marque com um grande “X” as respostas corretas - TODAS NA COLUNA DOS HOMENS (Os percentuais para cada questão mudam todo ano e há diferenças regionais. Sugerimos que procure na internet os dados para a sua cidade ou estado. O site do Ministério da Saúde - www.saude.gov.br - é uma boa fonte.)
8. Abra para a discussão: Vocês sabiam dessas informações? Por que vocês acham que isso acontece? Como é possível evitar? Que consequências esses comportamentos auto-destrutivos podem ter para o bem-estar, segurança e a saúde da família e das pessoas que convivem (amigos, namoradas/os) com esses homens?

²⁷ Esta Oficina faz parte do Caderno “Paternidade e Cuidado” do Programa H, cuja versão original foi publicada no Manual “Fatherhood Development: a curriculum for Young fathers”, produzida por Pamela Wilson & Jeffery Johnson - Public Private Ventures, 1995.

Perguntas para discussão:

- Se os homens se cuidassem mais, será que essa realidade seria assim?
- Há serviços de atendimento para os homens? Quais? O que fazer?
- A vida dos homens é muito estressante? Por quê?
- A vida das mulheres é muito estressante? Por quê?
- Quando você fica doente, o que você faz?
- Você costuma procurar ajuda logo que se sente doente ou espera um pouco?
- Você costuma ir ao médico com freqüência?
- Um homem pode ser vaidoso? Em que medida?
- Quem é mais vaidoso, o homem ou a mulher? Por quê?

Fechamento:

Encerre o grupo, lembrando que a maioria das causas de morte dos homens está associada ao estilo de vida auto-destrutivo que muitos reproduzem e que o cuidado com saúde, através de medidas preventivas, é um dos principais caminhos para mudar esse quadro.

Folha de apoio**“Loteria da Vida”**

	HOMEM	MULHER	AMBOS
1- Quem vive menos?			
2- Quem morre mais por assassinato?			
3- Quem morre mais em acidentes de trânsito?			
4- Quem morre mais por suicídio?			
5- Quem mata mais?			
6- Quem rouba mais?			
7- Quem bebe mais bebida alcoólica?			
8- Quem morre mais por overdose (excesso de uso de droga)?			
9- Entre as crianças, quem morre mais?			
10- Entre os jovens quem morre mais?			
11- Entre os idosos quem morre mais?			
12- Quem morre mais por acidentes de trabalho?			
13- No Brasil, quem está mais infectado pelo HIV/Aids?			

Oficina 5: Otário vivo ou valente morto: a honra masculina²⁸

Objetivo: Discutir como a suposta "honra" masculina está associada à violência e como podemos pensar em alternativas à violência quando nos sentimos insultados.

Materiais necessários: Espaço para trabalhar, criatividade e folha de apoio.

Tempo recomendado: 2 horas (ou duas sessões de 1 hora cada).

Dicas para o planejamento:

- Alguns grupos têm dificuldade de construir uma história ou em escolher os atores para uma dramatização. É importante que o facilitador esteja atento e ofereça um clima propício para que se possa avançar, reforçando que eles não precisam ser "atores de verdade" e que não precisam se preocupar em ter uma peça ou história bem elaborada.
- Um dos fatores associados à violência entre jovens é a questão dos insultos e da honra. Pesquisas sugerem que muitas das mortes entre homens jovens começam com discussões verbais - seja sobre um jogo de futebol, com a namorada ou um insulto - e escalam desde uma troca de socos, chegando a um homicídio. Pensando especificamente sobre a violência contra a mulher, a justificativa da "defesa da honra" ainda é muito utilizada por homens que agredem suas companheiras. Essa atividade procura ajudar os jovens a entender por que eles às vezes agem dessa forma; como estas atitudes podem ser causa de episódios de violência; e como é possível modificá-las.

Box: Em sua quase totalidade, os grupos que participaram da avaliação desta oficina encenaram suas histórias com grande ênfase e realismo no trecho da agressão física, o que resultou num saldo de um óculos quebrado, uma camisa rasgada e uma estante quase derrubada. Com isso, é muito importante apontar para o grupo que acima de tudo, eles devem manter uma relação de cuidado com os colegas e com o espaço no qual estão trabalhando. Caso situação semelhante aconteça, pode ser um bom momento para o/a facilitador/a questionar os participantes por que homens jovens têm tanta disponibilidade e entusiasmo para encenar cenas de violência, e ao mesmo tempo, tanta dificuldade em expressar coisas como delicadeza e carinho.

Procedimentos:

1. Dividir os participantes em grupos de 5 a 6 membros, conforme o número total de participantes. Explicar que eles deverão criar e apresentar uma pequena história sobre a troca de insultos entre rapazes.
2. Uma vez que os grupos já estejam formados, entregar a cada grupo uma folha de papel com uma das seguintes frases:
 - Márcio e Fábio discutiram no intervalo das aulas por causa de um trabalho da escola. Márcio disse que o esperaria lá fora para resolverem. Na saída da escola....

²⁸ Esta oficina faz parte do Caderno “Da Violência para Convivência” do Programa H.

- Um grupo de amigos estava num jogo de futebol. Eles eram torcedores do mesmo time. Uma briga começou quando um outro jovem torcedor do time adversário chegou e....
- Um grupo de amigos estava num bar. Começou uma briga entre um dos jovens e um estranho (outro jovem) quando...
- João chega em casa do trabalho e encontra sua mulher conversando com um homem desconhecido no portão, ele se aproximou deles e...
- Um grupo de amigos saiu para dançar. Um deles, Leo, viu que um cara estava olhando para sua namorada. A briga começou quando Leo...
- Samuel estava parado no trânsito em sua moto. Quando ele quis virar à direita, um outro carro veio da esquerda e o cortou, forçando-o a parar bruscamente. Samuel decidiu que...

3. Explicar que o trabalho consiste em montar uma pequena história a partir da frase que eles receberam. A encenação deve ter entre 3 e 5 minutos. Explicar que eles podem acrescentar os detalhes que quiserem.

4. Dar aos participantes cerca de 20 minutos para discutirem entre si e montar a peça.

5. Pedir aos grupos para fazerem suas apresentações. Após cada uma, abra espaço para discussão e comentários.

6. Discutir as questões:

- Vocês conhecem situações semelhantes?
- Por que às vezes reagimos desta maneira?
- Quando você se vê diante de uma situação semelhante, em que foi insultado, como você normalmente reage?
- Como você pode reduzir a tensão ou agressão em situações como essas?
- Homem pode fugir de uma briga?
- O que significa machismo para nós?
- O machismo ainda existe? A “cultura da honra” ainda se mantém?
- Que podemos fazer para mudar essa “cultura da honra”?
- Sabendo de onde vem a honra masculina, isso nos ajuda a mudar?
- Quais as alternativas para esses comportamentos violentos?

7. A seguir, leia e discuta a Folha de Apoio “De onde vem a ‘Honra masculina’?”

Fechamento:

- A Folha de Apoio pode servir para ajudar os jovens a refletir sobre de onde vem o conceito de "honra masculina", ou seja, o contexto histórico e cultural. Muitos homens acham que esse tipo de atitude frente a um insulto é "natural" e universal. Usando a Folha de Apoio, o facilitador pode ajudar a desconstruir ou questionar este tipo de comportamento masculino. (Se for possível, o/ facilitador/a pode fazer cópias do texto e entregar aos participantes)

Folha de Apoio De onde vem a “honra” masculina?

Em muitas culturas, manter a honra e o orgulho é muito importante, às vezes até de forma exagerada. Alguns pesquisadores sugerem que a “cultura da honra” em algumas regiões das Américas se encontra relacionada com as regiões de fronteira. Na parte rural do México, em partes da América do Sul e partes do sul dos EUA, alguns homens herdaram animais e terras em regiões cujos limites e fronteiras não estavam bem definidas. Não havia sistema judicial ou polícia por perto. Para sobreviver, os homens acreditavam que eles mesmos deviam defender seus interesses. Nesses contextos, era preciso que os homens fossem vistos pelos outros como alguém agressivo e até mesmo perigoso, alguém com quem “ninguém iria se meter”.

Para alguns jovens em gangues ou mesmo em contextos violentos urbanos, esse tipo de idéia permanece. Fazer um nome de durão, ainda que isso não reflita a realidade, é uma forma de defesa. Se eu penso que um rapaz é durão, que talvez ele tenha uma arma, ele pode dizer qualquer coisa que eu o deixo partir sem incomodá-lo. Em algumas áreas urbanas da América Latina, alguns jovens sabem da importância de manter uma reputação como essa - supostamente, isso deveria significar que eles seriam respeitados, e não seriam importunados pelos demais.

A “cultura da honra” também está presente na América Latina sob a forma de “machismo”, que tem origem na colonização européia e na dominação

masculina presente em alguns grupos étnicos na região. O machismo vem em parte da região mediterrânea da Europa, e está associado à imagem do homem sem medo que enfrenta o perigo, que tem muitas parceiras (amantes ou mulheres) e protege sua ‘honra’. Sob a ótica do machismo, os homens são “predadores sexuais”, e as mulheres “puras e inocentes”. De acordo com a cultura machista, o comportamento apropriado para uma mulher é ficar em casa, enquanto o homem demonstra sua virilidade com um maior número de conquistas性uais e com um maior número de filhos. Assim, para o machismo um “homem de verdade” é aquele que protege a “honra” das mulheres de sua família - sua esposa, irmãs, mãe. Elas devem ser “puras” e qualquer um que contestar isso está querendo briga. Por exemplo, se um homem, num bar, quiser brigar com outro, ele simplesmente precisa dirigir o olhar para a namorada deste, e a cena de anos de tradição se repete. O mesmo ocorre se ele tiver dito alguma coisa sobre a mãe ou irmã do outro.

Devemos pensar que a “honra masculina” faz parte de nossa cultura. Quantas vezes vemos grupos de homens trocando insultos? Quantos desses insultos têm a ver com conquistas性uais? Quantas piadas também se relacionam com supostas conquistas性uais? Pense em quantas expressões nós temos para “manchar” a reputação da mãe do outro. Segundo o machismo, o maior insulto que um “homem de verdade” pode receber é o insulto à honra e pureza da mãe.

Oficina 6: Pessoas e coisas²⁹

Objetivos: Proporcionar ao grupo uma experiência simples que promove o reconhecimento das relações de poder e uma análise sobre como essas relações estão na base de todas as formas de violência.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento:

- Lembre-se que, geralmente, quando os papéis se invertem (ou seja, quando uma pessoa deixa um papel de submissão e assume um de poder e autoridade), ao invés dela buscar relações de eqüidade, repete exatamente as mesmas relações de poder, mesmo já tendo passado por experiências que havia considerado injustas (um exemplo muitas vezes lembrado é o da hierarquia militar).
- É importante que, como educadores, enfatizemos o papel que os padrões culturais e sociais das relações de poder têm na vida das pessoas. Discutir como as pessoas que não se respeitam e não se aceitam, que vivem insatisfeitas consigo mesmas, necessitam exercer esse tipo de poder sobre os demais para sentirem que têm controle de suas vidas.

Procedimentos:

1. Divida o grupo em dois com uma linha imaginária. Cada lado deve ter um número igual de participantes.

2. Informe que o nome da atividade é: **Coisas e Pessoas**. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser as “coisas” e o outro as “pessoas”.

3. Leia as regras para cada grupo:

COISAS: as coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, não tem nome ou sexo, têm que fazer aquilo que as pessoas lhes ordenem. Se uma coisa quer se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão à pessoa.

PESSOAS: as pessoas pensam, podem tomar decisões, têm sexualidade, sentem e, além disso, podem pegar e ordenar que as “coisas” façam o que elas quiserem.

4. Peça para o grupo das “pessoas” pegar as “coisas” e fazer com elas o que quiser. Poderão ordenar que façam quaisquer atividades. (Neste momento, é interessante deixar o grupo livre e observar atentamente que tipo de tarefas serão sugeridas pelas “pessoas” e quais aquelas que as “coisas” apresentarão resistência ou irão se negar a fazer. O/a facilitador deve lembrar os participantes da importância do cuidado com o próximo e estar pronto para intervir se achar que a integridade física de alguém estiver em risco).

5. Dê ao grupo de 10 a 15 minutos para que “as coisas” desempenhem os papéis designados dentro do espaço da sala, depois inverta os papéis e continue a atividade pelo mesmo tempo.

6. Solicite aos grupos que regressem aos seus lugares.

²⁹ Esta oficina faz parte do Caderno “Sexualidade e Saúde Reprodutiva” do Programa H.

Perguntas para discussão:

- Como foi sua experiência?
- Como foi estar no grupo “pessoas”?
- Como foi estar no grupo “coisas”?
- Em nossa vida cotidiana, nós tratamos os outros dessa maneira? Nós somos tratados dessa maneira?
- Quem? Por que?
- Como poderíamos modificar essa forma de tratamento?
- Quando alguém tem menos poder que o outro isso gera violência? Por que?

Fechamento:

- Retomar os sentimentos gerados pelo exercício e questionar como se deram as relações de poder e por que se deram dessa maneira. Direcionar a discussão para os temas da negociação do uso do preservativo e da violência contra a mulher. Em grupos realizados na avaliação do manual, ao ser perguntado o que sentiu quando estava na posição de “coisa”, um jovem disse *“Dá calafrio e vontade de sair correndo. Deve ser como a mulher se sente quando apanha do marido”*, um outro falou *“É muito ruim, mas de acordo com a vida, a gente vai se acostumando”*.
- Alertar para o fato que ninguém é sempre 100% “pessoa” (detentor do poder), e ninguém é sempre 100% “coisa” (desprovida de poder). Existe uma constante mudança desses papéis e as fronteiras não são tão bem demarcadas. Esta atividade tem a função de tornar isso mais visível, para que assim possamos sair de uma posição passiva, de quem apenas repete uma padrão, para uma que procura ativamente maneiras mais sadias de se relacionar com o próximo.
- Na negociação de práticas de sexo seguro (uso da camisinha), por exemplo, várias relações de poder estão envolvidas e com isso, algumas mulheres não participam nas decisões de como, quando e de que maneira se dará uma relação sexual. Infelizmente, isto repercute no número de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e HIV/Aids.

Oficina 7: O varal da violência³⁰

Objetivo: Identificar as formas de violência que praticamos ou que são cometidas contra nós.

Materiais necessários: Barbante para o varal, fita-adesiva ou prendedores de roupa, duas folhas de papel (tamanho A4 ou equivalente) para cada participante.

Tempo recomendado: Duas horas

Dicas para o planejamento:

- Quando se fala em violência, pensa-se muito em agressão física. É importante discutir outras formas de violência que não só a violência física (humilhação, agressão verbal, homofobia, racismo, miséria, violência institucional etc.). Também é importante ajudar os jovens a pensar nos atos de violência que cometemos, já que muitas vezes pensamos nos outros como violentos, mas nunca em nós mesmos.
- Com o uso desta oficina, vimos que para os jovens com os quais trabalhamos era mais fácil falar sobre violências que tinham sofrido. Relatar atos de violência - especialmente os que aconteceram fora de suas casas - era fácil. Até percebemos que eles sentiram um certo alívio em poder relatar essas experiências e que sobreviveram a elas. Comentar ou contar violências cometidas contra eles dentro de suas casas foi mais delicado. Alguns comentaram sobre a violência em casa, mas não queriam falar sobre detalhes, e não insistimos. Falar sobre violências que eles tinham cometido, foi mais difícil ainda, principalmente porque sempre queriam justificar-se, colocando a culpa no outro como sendo o autor da violência.
- Esta oficina requer um grau de exposição e atenção maior do que as anteriores, por isso, será mais eficaz em um grupo já acostumado a trabalhar junto. Caso sinta que alguns participantes não estão à vontade em se expor, pense em alternativas que exijam menos exposição e respeite sua posição.
- Estudos mostram que ser vítima de violência, especialmente na infância, está associado a cometer atos de violência mais tarde. Ajudar os jovens a compreender essa conexão, e pensar sobre a dor que a violência causou neles, é uma forma potencial de interromper o ciclo da violência de vítima para o autor da violência.
- Se algum jovem relatar estar sofrendo algum tipo de violência ou ter sofrido recentemente algum tipo de abuso - incluindo abuso sexual ou abuso físico sistemático em sua casa, o/a facilitador/a deve se informar mais após o término do grupo e encaminhar o caso ao Conselho Tutelar da cidade ou outro grupo de proteção da infância e adolescência (se tiver menos de 18 anos de idade) ou outra instituição pertinente (se tiver mais de 18). Acima de tudo, escute-o com atenção e sem julgamentos. Se ele confiou em você ou no grupo para compartilhar algo tão doloroso, isso significa que um laço de confiança foi formado, agradeça-o por isso e diga que você fará o que estiver ao seu alcance para ajudá-lo.

³⁰ Esta oficina faz parte do Caderno “Da Violência para Convivência” do Programa H.

- A oficina pode tornar-se muito demorada em grupos com mais de 10 participantes. Alguns jovens do grupo de avaliação relataram que foi difícil manter a concentração, já que apresentavam sua primeira frase e depois precisavam esperar vários minutos para expor a segunda.

Procedimentos:

1. Explicar que a proposta é falar sobre a violência que praticamos, aquela praticada contra nós, e conversar sobre nossos sentimentos em relação a isso.
2. Explicar que colocaremos 4 varais e que todos os participantes deverão escrever algumas poucas palavras nas folhas de papel e prendê-las no varal.
3. Dar a cada participante 2 folhas de papel.
4. Colocar em cada varal os seguintes títulos:
 - Violências praticadas contra mim;
 - Violências que eu pratico;
 - Como eu me sinto quando pratico essa violência;
 - Como eu me sinto quando essa violência é praticada contra mim.
5. Pedir que os participantes escrevam em poucas palavras, pelo menos uma resposta para cada um dos varais. Dar cerca de 10 minutos para esta tarefa.
6. Pedir aos participantes, um a um, para pendurar sua folha no varal correspondente, lendo sua resposta para o grupo. Eles podem dar outras explicações que se façam necessárias e os outros participantes podem fazer perguntas sobre sua resposta.
7. Depois de cada um ter colocado suas respostas no varal, discutir as questões a seguir.

Perguntas para discussão:

- Qual é o tipo mais comum de violência que se comete contra nós?
- Como cada um se sente em ser vítima desse tipo de violência?
- Que tipo de violência é mais comum cometermos contra os outros?
- Como sabemos se de fato cometemos violência contra alguém?
- Existe alguma conexão entre a violência que praticamos e a violência de que somos vítimas?
- Como nos sentimos quando praticamos violência?
- Existe alguma violência que seja pior do que outra?
- Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência, nós falamos sobre isso? Denunciamos? Falamos sobre como nos sentimos? Se não, por quê?
- Alguns pesquisadores dizem que a violência é como um ciclo, ou seja, quem é vítima de violência é mais provável de cometer atos de violência depois. Se isso está correto, como podemos interromper esse ciclo da violência?

Fechamento:

Perguntar ao grupo como foi para eles falar sobre a violência que sofreram. Se ninguém do grupo mostrar necessidade de uma atenção especial por conta de uma violência que sofreu, o facilitador pode considerar que os recursos de ajuda que o jovem teve supriu esta demanda.

Oficina 8: Diversidade e direitos: eu e os outros³¹

Objetivo: Promover um debate sobre a discriminação também como uma forma de violência.

Materiais necessários: Folhas de papel A4, marcadores, fita-adesiva.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento: (em PDF, falta marcadores dos parágrafos)

- Esta oficina geralmente leva os jovens a rir e a ter que desempenhar ou atuar no papel de pessoas de diversas orientações sexuais e realidades. Procurar manter um espírito leve na oficina, sem censurar os jovens, porém, fomentando o respeito para com as diferenças.
- Usando esta atividade com alguns grupos de homens jovens, eles pediram que pensássemos em mais frases e usamos essa oficina duas vezes. Usá-la novamente permitiu que fossem tratados temas dos quais eles tinham dúvidas e que necessitavam de esclarecimentos: HIV e DST, uso de drogas, suicídio e violência doméstica.

Procedimentos:

1. Antes que o grupo comece as atividades, selecione as frases que você achar mais apropriadas (ver exemplos de frases a seguir). Selecione um número suficiente de frases para todos os participantes e as escreva em folhas de papel. Se quiser, crie outras frases, outros exemplos ou repita alguns, se achar necessário.
2. Pedir aos participantes para sentar em círculo e fechar os olhos. Explique que se colocará uma folha de papel em suas mãos onde tem uma palavra ou uma frase escrita. Depois de receber o papel, os participantes deverão ler a frase sem comentar nada e refletir pessoalmente sobre o que eles fariam se estivessem naquela situação.
3. Pedir a cada um que pegue um pedaço de fita-adesiva e cole a frase na parte da frente de sua camisa.
4. Pedir que todos se levantem e andem devagar pela sala com o papel colado, lendo as frases dos outros participantes, cumprimentando os outros, mas sem falar.
5. Depois, pedir aos participantes que fiquem em círculo e olhem uns para os outros. Explicar que cada um deve ser um personagem e inventar uma história que tenha a ver com a frase que recebeu - uma história que fale sobre sua condição ou realidade. Dar algum tempo para que possam refletir sobre sua história.
6. Perguntar se há algum voluntário para começar. Então, cada um, aleatoriamente ou na ordem do círculo, fala sobre sua história até que todos o tenham feito. Em alguns casos, pode-se permitir que os participantes troquem seu “caso” com outro participante.
7. Uma vez que todos tenham relatado sua história, pedir que retornem aos seus lugares, permanecendo com o papel colado em suas camisas.
8. Pedir aos participantes que, mantendo seus personagens, façam perguntas uns aos outros, sobre suas vidas, sua condição naquele momento, seus problemas e suas realidades. Dar um tempo entre 20 e 30 minutos para discutir as questões a seguir.

³¹ Esta oficina faz parte do Caderno “Da Violência para Convivência” do Programa H

Perguntas para discussão:

- Você conhece algum jovem que enfrentou situação semelhante à descrita no papel?
Como foi para você viver esse personagem?
- Como você se sentiu?
- Em muitos lugares, um jovem que é “diferente” ou que representa uma minoria é objeto de discriminação e violência. Por exemplo, no Brasil e nos EUA existem grupos de *skinheads* (também chamados de ‘carecas’) que espancam gays e negros. De onde você acha que vem esse ódio?
- Por que muitas vezes defendemos tanto a nossa individualidade (o que nos torna diferente dos outros) e ao mesmo tempo reprimimos as diferenças nos outros?

Fechamento:

- Pode-se fechar esta oficina perguntando aos jovens sobre outros exemplos de pessoas diferentes ou até de minorias que não foram incluídas. Às vezes surgem exemplos de pessoas percebidas como diferentes ou minorias sobre as quais não havíamos pensado, surgindo mais conteúdo para as oficinas e o trabalho com jovens.

Box - Direitos humanos: Por uma sociedade sem violência! As pessoas e instituições envolvidas com este manual acreditam que o respeito a todas as formas de diversidade - orientação sexual; etnia, religião, geração etc. - é um tema central para a conquista de uma sociedade menos violenta. De uma vez por todas, precisamos reconhecer que essas diversidades são o traço mais rico e bonito da raça humana, e aprender a utilizá-la a favor de todos/as.

Exemplos de frases:

- Bati na minha namorada
- Minha namorada me bateu
- Estou desempregado e minha mulher sustenta a casa
- Minha mulher ganha mais do que eu
- Minha namorada me traiu
- Sou pai e cuido dos meus filhos
- Sou alcoólatra
- Sou soro-positivo (HIV positivo)
- Sou bandido (membro de uma gangue ou traficante de drogas)
- Sou bissexual
- Meu pai está na cadeia
- Sou heterossexual
- Minha mãe é trabalhadora do sexo
- Sou executivo
- Tive relações sexuais com outro homem, mas não sou gay
- Já engravidéi uma garota mas não assumi a criança
- Tenho AIDS
- Gosto de transar com outros homens
- Vivo com outro homem há 10 anos
- Vivo na rua
- Sou negro
- Sou deficiente físico

Oficina 9: Assédio sexual: algumas vezes, sempre e nunca.³²

Objetivos: Familiarizar os participantes com o conceito de assédio sexual, fazendo com que percebam a complexidade do tema (definido como crime) e sua relação direta com a desigualdade de poder nas relações.

Materiais: Cópias da folha de apoio “O que é assédio?” (uma por dupla), e das histórias com situações de assédio (uma por grupo).

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento:

Assédio Sexual inclui palavras e ações que:

- São indesejadas;
- Afetam a habilidade individual para trabalhar ou aprender (isto é, criam um ambiente nocivo);
- São uma forma de discriminação baseada no sexo ou orientação sexual;
- São uma forma de expressão de poder, autoridade ou controle através do sexo.

Durante a atividade, é importante explicar que, assim como em outras formas de opressão, no assédio sexual, a pessoa que assediou alguém pode não ter tido a intenção de fazê-lo. Assim, a intenção da pessoa não é fator determinante quando discutimos assédio sexual, e sim, o impacto sentido pela pessoa que foi abordada. O fator mais importante para se definir o assédio sexual (ou outros tipos de assédio) é se o comportamento foi desejado ou indesejado pela pessoa que foi seu alvo. A atividade pretende fazer com que os participantes reflitam sobre como nossas crenças pessoais estão relacionadas às nossas ações e ao impacto das mesmas.

BOX: Assédio sexual é crime. De acordo com o Código Penal brasileiro de 2001, assédio sexual representa “*Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.*”.

BOX: Promover o debate é o foco! É muito importante que o educador busque se informar sobre a legislação atual que define e orienta os casos de assédio sexual. Porém, o mais importante com esta tarefa não é apresentar informações, mas sim, promover o debate e estimular que os participantes busquem mais informações e passem a se interessar mais pelo tema

Procedimentos:**Atividade:** (20 minutos)

1. Diga aos participantes que este exercício é sobre assédio sexual. Distribua a folha de apoio “O que é assédio” e peça aos participantes que formem pares. As duplas devem ler todas as frases e chegar a um consenso sobre o que é e o que não é assédio. Diga aos participantes que eles têm dez minutos para preencher a ficha e que não devem mostrar suas respostas para as outras duplas.

³² Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

2. Enquanto isso, escreva a mesma lista no quadro ou numa cartolina.
3. Siga a ordem da lista e pergunte para as duplas se as suas respostas são “sim”, “não” ou “às vezes”. Discuta brevemente sobre as respostas e pergunte as justificativas das duplas. Escreva algumas palavras ou frases que os participantes estão usando para descrever o que torna um encontro ou situação em assédio (por exemplo, “o que se diz”, “tom de voz usado”, “onde está acontecendo”, “tem ameaça incluída?”, “quem tem o poder na situação?”).
4. Provavelmente, boa parte das respostas serão enquadradas como “às vezes”. Fale que é normal que tenhamos opiniões diferentes - por exemplo, alguém pode achar que piadas sexistas sobre mulheres são sempre uma forma de assédio, enquanto outros dirão que dependerá do contexto. O principal é apontar que não encontraremos muitas respostas rápidas e diretas.

Discussão:

1. Divida os participantes em quatro grupos e dê a cada grupo uma das histórias que estão ao final desta oficina. A tarefa deve ser feita em 10 minutos. Peça aos participantes que decidam se a história envolve assédio e por quê. Pergunte ainda o que deve ser feito nessa situação. Deixe-os saber que existem muitas opções sobre como controlar cada situação.
2. Retorne à formação inicial (grande grupo), peça que cada grupo leia a história e apresente sua análise.

Nota: Certifique-se de que a questão da diferença de poder seja discutida. Se surgirem questões sobre garotas assediando rapazes, diga que isso também está errado e incluído na definição de assédio sexual. Mas lembre que o que um rapaz pode perceber como um elogio, pode ser percebido por uma garota como uma ameaça. A razão pela qual homens e mulheres reagem de diferentes maneiras está ligada à discussão mais ampla sobre relações de gênero, e como os homens, por exemplo, são educados e pressionados a nunca “negar fogo”, ou seja, nunca ir contra o avanço ou proposta sexual de uma mulher (Ver Oficina “A vida dentro de uma caixa”).

Fechamento:

Olhe novamente para a sua lista de comportamentos que caracterizam uma situação de assédio. Pergunte aos participantes se eles podem dar um exemplo real de uma situação que eles identificam como assédio sexual. Pergunte também o que pode ser feito para encaminhar o problema e o que eles podem fazer se souberem que este tipo de situação está acontecendo.

Folha de Apoio**O que é Assédio?**

As pessoas têm diferentes perspectivas sobre que tipos de comportamentos constituem assédio sexual e diferentes formas de assédio. Abaixo estão listados tipos de comportamentos que podem ser considerados assédio (não apenas sexual).

Indique com um “X” se você pensa que essas formas de comportamento são consideradas assédio e justifique sua resposta.

	Sim	Às vezes	Não	Por que isto é assédio?
1- Observar e fazer comentários sobre o corpo de alguém, ou sua aparência pessoal.				
2- Durante uma conversa, alisar os cabelos e colocar a mão na cintura da outra pessoa.				
3- Contar piadas ou fazer comentários depreciativos sobre mulheres, gays e lésbicas.				
4- Constranger alguém que está passando com gestos físicos indecentes.				
5- Assobiar e fazer comentários sexuais para uma garota que está passando.				
6- Olhar fixamente para o corpo de alguém.				
7- Continuar convidando alguém para sair mesmo após ela ter dito “não” várias vezes.				
8- Chamar mulheres por termos como “cachorra” e “vadia”.				
9- Numa festa, beijar alguém à força.				
10- Transar com alguém e depois contar para todo mundo detalhes do que aconteceu.				
11- Fazer pichações ou grafite que ofendem mulheres, gays ou minorias raciais e religiosas.				

JAÍLSON E MARIA

Membros do grupo: _____

Maria cursa o segundo grau. Recentemente, ela começou a trabalhar em um restaurante. Seu supervisor, Jaílson, é cerca de 10 anos mais velho que ela e parece dar muito apoio à Maria. Ele aproveita todas as oportunidades para explicar pacientemente como o trabalho deve ser feito e faz ela se sentir confortável com o local de trabalho e os demais membros da equipe.

Depois da segunda semana de trabalho, Jaílson passou a pedir constantemente que Maria o ajudasse após o término de seu expediente. Sempre muito disposta a trabalhar, Maria aceitava e aproveitava para ganhar mais experiência. Jaílson apreciava muito o seu empenho e disponibilidade e Maria estava satisfeita com as novas responsabilidades que ele lhe passava.

Após algumas semanas de convívio, Jaílson começou a falar de sua vida particular e disse que era infeliz em seu casamento. Maria disse que sentia muito e que esperava que ele conseguisse superar seus problemas. Ele disse que conversar com ela o fazia muito bem, que adoraria que a sua mulher fosse mais parecida com ela e perguntou se poderiam sair para tomar um café depois do trabalho. Maria achou que a conversa estava ficando pessoal demais e se sentiu desconfortável com isso. Antes que ela pudesse responder, Jaílson colocou a mão em sua cintura, falou que ela era muito especial e que todos estavam gostando muito dela no trabalho. Depois lhe deu um beijo no rosto e disse que aguardaria ansiosamente pelo encontro deles mais tarde.

1. Como você descreveria o que Jaílson fez a Maria?

.....
.....
.....
.....

2. O que você acha que muitas mulheres gostariam de fazer ou dizer nessa situação? Quais as dificuldades que elas podem ter para fazer ou dizer isso?

.....
.....
.....
.....

3. O que você acha que Maria vai fazer? Quais são suas opções?

.....
.....
.....

Pedro e Carla

Membros do grupo: _____

Pedro e Carla estudam juntos. Durante todo o semestre, Pedro insistiu para que Carla saísse com ele. Carla sempre viu em Pedro um colega de turma e não tinha interesse em ter nada com ele. No começo, ela achava que ele estava brincando e ria de suas investidas. Com o passar do tempo, ela notou que ele falava sério e ficou sem graça, já que não queria magoá-lo. Por isso, sempre encontrava uma desculpa para não aceitar seus convites. Mas Pedro não desistia e passou a pegar cada vez mais em seu pé. Carla passou a evitar Pedro, mas um dia decidiu abrir de vez o jogo para ele. Ela falou que estava muito chateada com a insistência dele, que o queria apenas como amigo, e por isso, não aceitaria seus convites e gostaria que ele parasse com isso de uma vez. Para sua surpresa, ele agiu como se nada tivesse escutado, apenas riu e disse que ela mudaria de opinião.

Na semana seguinte, o que já era uma situação insuportável para Carla, ficou ainda pior. Enquanto ela estava caminhando para a quadra da escola, Pedro apareceu de repente, a empurrou contra a parede e disse “*Qualé o seu problema?! Você já está com alguém ou só acha que eu não sou bom o suficiente pra você!?* *Não pense que isso vai ficar assim!*”. Algumas pessoas estavam no corredor e presenciaram a cena. Pedro foi embora e Carla ficou parada tentando compreender o que havia acontecido.

1. Você acha que Carla tinha motivos para ficar incomodada com as investidas de Pedro?

.....
.....

2. O que ele estava fazendo era assédio sexual? Teria sido assédio sexual se ele não a tivesse intimidado?

.....
.....

4. O que Carla poderia ter feito?

.....
.....

5. Por que você acha que Pedro reagiu daquela maneira?

.....
.....

Questão para mulher jovem: o que você faria se fosse amiga de Carla?

.....
.....

Questão para o homem jovem: O que você diria a Pedro se ele fosse seu amigo? O que você diria a Carla?

.....
.....

Sandra e os rapazes do corredor

Membros do grupo: _____

Sandra está na oitava série. Toda vez que ela vai para o intervalo ela tem que passar por um corredor que é o ponto de encontro de um grupo de meninos. Quando ela passa por eles, sempre escuta comentários e piadinhas, geralmente sobre o corpo dela e na forma de convites para manter algum contato físico. Infelizmente, essa cena é tão comum que nem precisa ser descrita com mais detalhes, certamente vocês já viram algo do tipo.

Todo dia, Sandra passa o mais rápido possível por eles e finge que não está escutando, mas no fundo, cada palavra é ouvida e deixa sua marca. Mesmo sentindo-se constrangida com a situação, ela decide conversar com alguns amigos. Alguns dizem que ela deveria enfrentá-los e pensar em uma maneira de humilhá-los também. Outros dizem para ela falar como aquela situação a magoa. Outros dizem que ela deveria falar com uma professora ou direto com a direção da escola e exigir uma punição para eles. Por fim, dois amigos falam que se ela quiser, eles podem juntar uma turma para ameaçá-los ou até agredi-los fisicamente.

1. Como você acha que Sandra se sente quando eles fazem esses comentários?

.....
.....
.....

2. Por que os rapazes pensam que podem fazer isso com ela? Qual é o objetivo deles?

.....
.....

4. Por que isso é assédio sexual?

.....
.....

5. O que você acha que Sandra deveria fazer?

.....
.....

6. Se você fosse amigo de Sandra, o que faria para apoiá-la?

.....
.....

7. Se você fosse um rapaz desse grupo, o que diria ou faria para que parassem de fazer esses comentários? Seria fácil ou difícil confrontar seus colegas para que parassem?

.....
.....

Jonas e seus alunos e alunas

Membros do grupo: _____

Jonas é professor de educação física. Ele gosta muito de dar aula e é bastante dedicado, mas às vezes faz comentários e piadas que incomodam alguns/mas alunos/as.

Para as garotas, ele gosta de dizer coisas como “*Vamos correr porque gordinhas assim vocês não vão arrumar namorado nunca!*” ou “*Realmente vocês só têm jeito pro fogão mesmo*”.

No caso dos garotos, o comentário mais comum de Jonas é chamá-los de “menininhas” ou “mulherzinhas” quando eles não apresentam o desempenho esperado por ele. Para ele, homem de verdade não deve reclamar nem demonstrar fraqueza.

Alguns/mas alunos/as se sentem agredidos e humilhados pelos comentários do professor. Outros dizem que não se importam porque acham que tudo não passa do jeito brincalhão dele.

1. Como os comentários do professor fazem as pessoas se sentirem?

.....
.....

2. Isso é assédio? Porque essas palavras são incômodas? Quem você acha que se sente mais incomodado, os meninos ou as meninas?

.....
.....

3. O que você faria se algo parecido acontecesse com você?

.....
.....

4. Você acha que os/as alunos podem sofrer represálias se decidirem falar com alguém sobre esses incidentes?

.....
.....

Oficina 10: Violência sexual: é ou não é?³³

Objetivo: Discutir o que é violência sexual, quais as condições que a reforçam e como podemos eliminá-la ou preveni-la.

Materiais necessários: Cartolinhas (ou papel A4), lápis ou canetas coloridas e fita-adesiva.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento:

- Antes de apresentar esta oficina, pode ser útil que o/a facilitador/a (em PDR, a divisão de facilitador/a está errada) procure dados de sua região ou cidade sobre diferentes formas de violência sexual, informações sobre as leis em vigor e sobre organizações que oferecem apoio a pessoas que tenham sofrido violência sexual. Essas informações podem ser úteis para responder a perguntas feitas durante ou depois da oficina. Também é recomendável revisar as frases antes de aplicar a oficina para escolher quais as mais pertinentes e se possível, acrescentar exemplos representativos de sua região.
- Pode ser que haja alguma resistência para se falar sobre o tema da violência sexual. Da mesma forma que falar sobre outras formas de violência pode causar constrangimentos, em razão das possíveis conexões com histórias pessoais dos participantes, no caso da violência sexual, podem estar presentes no grupo jovens que sofreram ou presenciaram algum tipo de violência sexual na infância ou adolescência e que podem precisar de ajuda.
- Quando se discute sobre abuso ou violência sexual, os homens são quase sempre lembrados como os autores de violência, raramente pensamos neles como possíveis vítimas. Muitos estudos confirmam que as meninas têm maior probabilidade de serem vítimas de abuso físico e sexual do que os meninos, contudo, diversos estudos confirmam que os meninos também sofrem abuso sexual.
- Em alguns momentos, encontramos homens jovens que sofreram violência sexual de uma mulher, mas nunca haviam falado com alguém sobre o assunto por vergonha - tinham a crença de que ninguém ia acreditar que um homem pode ser vítima de uma mulher ou tinham receio de serem tachados de homossexuais pelo fato de se recusar a transar com uma mulher que o desejasse. Outros sabiam de amigas que tinham sido vítimas de violência sexual e não sabiam como ajudá-las. Homens jovens que são abusados por outros homens também têm muita dificuldade em falar sobre o assunto. O/a facilitador/a deve estar preparado/a para casos sensíveis, até de participantes que podem precisar de uma ajuda especial.
- Várias pesquisas apontam que alguns rapazes são socializados acreditando que é dever das mulheres fazer sexo com eles, ou que usar a força ou coerção para obter sexo é normal nas relações de intimidade. Estudos também mostram uma forte conexão entre homens jovens terem sido vítimas de abuso, incluindo abuso sexual, em casa ou em consequência de uma violência sexual e o uso da violência sexual em momentos posteriores da vida.

³³ Esta oficina faz parte do Caderno “Da Violência para Convivência” do Programa H, cuja versão original é a oficina “Escolha de Valores” do Manual “Adolescência: Época de Planejar a Vida”, Advocates for Youth, Washington, DC.

Procedimentos:

1. Antes da atividade, escrever as seguintes frases, uma em cada cartolina:

É violência sexual	Não é violência sexual	Estou em dúvida

2. Explicar aos participantes que você vai ler uma série de casos, e que você quer que eles reflitam individualmente se a situação descrita representa violência sexual ou não. Deixar claro que não é um teste e que o mais importante é ter a opinião sincera deles.
3. Colar as três cartolinhas na parede (ou coloca-las no chão) com uma boa distância entre elas. Após a leitura das frases, os participantes devem escrever seu número respectivo na cartolina que contém sua opinião: “É violência sexual”, “Não é violência sexual” ou “Estou em dúvida”.
4. Depois de todos terem escolhido suas respostas e escrito nas cartolinhas, o/a facilitador/a deve abrir a discussão. Releia as frases e para cada uma, peça que alguns participantes defendam seus diferentes pontos de vista.

<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Felipe começou recentemente a trabalhar numa empresa bem conhecida e está bastante feliz com o emprego. Uma noite, o chefe dele, Roberto, diz que ele acha Felipe muito atraente e o convida para um motel. Ele fala que ninguém ficará sabendo e que isso o ajudará a crescer na empresa. É violência sexual?</i>
<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Paulo e Maria estão casados há dois anos. Às vezes, Paulo chega em casa tarde, e Maria já está dormindo. Ele a acorda para transar com ela. Às vezes, ela não concorda, mas mesmo assim Paulo força a barra e eles transam. É violência sexual?</i>
<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Todo mundo diz que Joana tem cara de safada. Ela gosta de contar suas experiências sexuais e sempre diz que gosta muito de sexo. Um dia ela vai à festa de Pedro, exagera na bebida e fica completamente embriagada. Ela mal consegue andar e falar, mas Pedro a leva para o seu quarto e faz sexo com ela. É violência sexual?</i>
<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Marcelo tem 15 anos e nunca tinha transado. Seus amigos sempre riem dele, e por conta desse fato, falavam que ele não era homem. Uma noite, eles o levaram para um prostíbulo e pagaram uma trabalhadora de sexo para transar com ele. Mesmo não querendo, ele acabou fazendo sexo com ela porque se sentiu pressionado pelos amigos. É violência sexual?</i>
<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Luisa quer transar com Fred mas não sabe se é a hora certa. Um dia eles estão sozinhos em casa e ela pensa que chegou a hora. Ela tira a roupa e vai para a cama com ele, mas de repente não se sente bem e decide que não quer mais transar. Ela diz isso para ele, mas ele a força. É violência sexual?</i>
<ul style="list-style-type: none"> ■ <i>Quando Leonardo tinha 12 anos, uma amiga de sua mãe, Alice, às vezes ficava com ele quando seus pais saíam à noite. Alice tem a mesma idade de sua mãe. Uma noite, quando Leonardo foi tomar banho, Alice entrou no chuveiro com ele. Leonardo não sabia o que fazer. Ele ficou parado diante dela. Ela disse para ele: "Porque você está aí parado? Venha aqui que eu vou te transformar num homem". Leonardo fez sexo com ela. Depois ele se sentiu estranho, mas não sabia se podia falar com alguém sobre isso. É violência sexual?</i>

Perguntas para discussão:

- Você conhece alguma situação semelhante?
- O que é violência sexual?
- O que é violência de gênero?
- Toda violência sexual é crime?
- Que podemos fazer para prevenir a violência sexual?
- Quem é mais vítima de violência sexual, homem ou mulher? Por quê?
- Homem também pode ser vítima de violência sexual?
- Muitas vezes, adolescentes pressionam suas namoradas (e às vezes elas pressionam os namorados) a transar com eles, dizendo coisas como “Se você me amasse de verdade você transaria comigo”. O que vocês acham disso?

Fechamento:

Depois de comentar as perguntas da discussão, dependendo do grau de conhecimento dos participantes, pode ser interessante conversar sobre o que significa violência de gênero e as demais formas de violência (ver a Folha de Apoio). Se for interessante para o grupo, você também pode convidar alguém de sua comunidade que é especialista no tema de violência de gênero, ou violência sexual, para falar com eles. Você também pode consultar algumas fontes de informação adicionais que falam sobre as consequências da violência sexual. Sabemos que muitos dos homens adultos que são violentos sexualmente também foram vítimas de algum tipo de violência na sua infância ou adolescência. É preciso mostrar a importância de identificar casos de violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes para poder interromper o ciclo de violência sexual.

Folha de Apoio

Definindo violência de gênero

Assédio sexual: manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas, pressão para ter relações sexuais e contato físico que o outro não deseja.

Violência emocional: é aquela que se manifesta por meio de insultos, humilhações, ameaças, falta de atenção afetiva etc. Pode ter consequências para homens e mulheres, como baixa auto-estima, desconfiança e insegurança emocional.

Violência física: é aquela que se expressa por meio de golpes, chutes, empurrões e outros atos que podem provocar lesões, pondo em perigo a saúde do homem e da mulher.

Incesto: relação sexual entre parentes consangüíneos (pais/filhas, mães/filhos, irmãos etc.).

Abuso sexual: trata de qualquer tipo de contato físico íntimo entre um adulto e uma criança ou adolescente.

Estupro e atentado violento ao pudor: De acordo com o Código Penal Brasileiro, estupro é a penetração do pênis na vagina sem o consentimento da mulher. Ao contrário do que acontece em grande parte do mundo, as outras formas de violência sexual, inclusive as praticadas contra homens, são classificadas como atentado violento ao pudor, apesar de algumas popularmente serem chamadas de estupro. Também é estupro a violência sexual praticada após o autor da violência fornecer drogas para a vítima, a fim de deixá-la inconsciente. Com a lei 8.072, de 1990, o atentado violento ao pudor e o estupro passaram a ser considerados crimes hediondos, ou seja crimes praticados com extrema violência e com requintes de crueldade e sem nenhum senso de compaixão ou misericórdia por parte de seus autores. A pena para os casos de estupro ou atentado violento ao pudor é de reclusão (prisão) por 6 (seis) a 10 (dez) anos.

Exploração sexual: exploração de crianças e jovens para a satisfação sexual de pessoas adultas, envolvendo atividades como exploração sexual comercial e pornografia infantil.

Oficina 11: Poder e violência nas relações sexuais: a história de Samuca³⁴

Objetivo: Refletir sobre a questão do poder e da violência nas relações sexuais e sua relação com a saúde, incluindo DST/AIDS.

Materiais necessários: cópia da história de Samuca para cada participante.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Procedimentos:

1- Explique que a proposta da oficina é falar sobre o exercício do poder e da violência nas relações sexuais.

2- Faça com o grupo uma "tempestade de idéias" (uma rápida rodada de opiniões espontâneas) sobre que tipos de violência podem ocorrer nas relações sexuais.

3- Dependendo do número de participantes, divida o grupo em 2 ou 3 subgrupos entregando para cada um o texto da história de Samuca, fazendo uma leitura dirigida com os participantes, em um período de 15 a 20 minutos.

4- Volte para a formação inicial do grupo e faça uma discussão coletiva.

5- Após a leitura da história de Samuca, discuta os pontos a seguir, valorizando a reflexão sobre o episódio e que outros caminhos Samuca poderia seguir:

- a) Esta história é apenas ficção ou tem a ver com realidade?
- b) O que acham da atitude de Samuca em transar com uma menina bêbada?
- c) Será que ele fez isso somente devido à pressão do grupo?
- d) Quais podem ser as consequências da atitude de Samuca para ele? E para a menina?
- e) E se ele não tivesse cedido a essa pressão, como você acha que os colegas o tratariam?
- f) E ele, como ficaria?

Perguntas para discussão:

- O que Samuca fez pode ser qualificado de violência? Por quê?
- Quais as possíveis consequências dessa história para as pessoas envolvidas?
- Alguma vez, vocês se viram numa situação semelhante a esta? Qual foi a reação de vocês?
- Como percebem a negociação das relações sexuais? Pode haver pressão para transar?
- E para o uso do preservativo? Pode também haver pressão para não usar?
- Em que condições isso pode acontecer? E em que condições isso não pode?
- Mulheres podem cometer atos de violência nas relações sexuais contra um homem? De que tipo? E como os homens geralmente reagem?

³⁴ Esta oficina faz parte do Caderno “Prevenindo e vivendo com HIV/Aids” do Programa H

Folha de Apoio

A História de Samuca³⁵

Samuca tem 18 anos e tem um grande grupo de amigos e colegas do colégio. Ele é bastante popular entre seus colegas e eles sempre saem juntos para se divertir. Nesse grupo, as festas na casa do Marcinho são famosas, sempre com direito a muita música, cerveja e gente bonita. No último fim de semana rolou uma dessas festas. Toda a turma estava lá e Samuca chegou meio tarde. Foi chegando e o Marcinho falou:

- *E aí cara? Sabe quem tá por aqui? A Ju, aquela gata morena... Ela já ficou com um monte de caras hoje, só tá faltando você.*
- *Que nada...*
- *É sério cara, você tem que chegar nela* - falaram seus colegas.
- *Aproveita que ela tá chapada e vai fundo!!!*

Samuca viu que a menina tava meio largada numa poltrona. Já devia ter bebido demais, pensou ele. Ele tentou mudar de assunto, mas seus amigos continuaram pegando no seu pé e insistindo que ele ficasse com ela. Depois de um tempo, lá foi Samuca se chegando para a Ju.

- *E ai gato...* falou a Ju, *Tava faltando você nesta festa pra ficar legal...*

Aproveitando que a menina já tinha bebido demais, Samuca foi com ela para o quarto do Marcinho. A menina tava tão chapada que tava meio sonolenta, meio desmaiada. Ainda assim, a galera falava para ele aproveitar a chance!

Samuca acabou transando com Ju, e não usando preservativo. Depois de um mês ficou meio apavorado quando um de seus amigos que também tinha transado com ela, apareceu com uma DST.

- *Pô, será que eu peguei também? E se for AIDS? O que é que eu faço?!?*

³⁵ Essa história foi adaptada de um evento real, a partir do relato de um grupo de jovens no Rio de Janeiro, 2001.

Oficina 12: Da violência para o respeito na relação íntima^{36 37}

Objetivo: Discutir como usamos a violência em nossas relações íntimas e refletir sobre o que é de fato uma relação íntima baseada no respeito.

Materiais necessários: Quadro ou cartolina, marcadores, canetas e fita.

Tempo recomendado: 90 minutos

Dicas para o planejamento:

- Esta oficina usa dramatização com personagens femininos. Se você está trabalhando com um grupo só de rapazes, alguns deles podem mostrar-se relutantes em interpretar uma personagem feminina. Encoraje o grupo a ser flexível. Se nenhum dos jovens quiser interpretar a personagem feminina, você pode pedir que eles descrevam as cenas imaginando que ela está lá, ou usando um objeto para representá-la. (Caso isso aconteça, aproveite para discutir sobre essa dificuldade)
- No Brasil, é muito marcante a impotência que os jovens sentem em responder à violência que eles vêem outros homens praticando. Muitos têm medo de falar sobre a violência doméstica, repetindo o velho ditado de que "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Através desta oficina, o/a facilitador/a deve procurar falar sobre o silêncio e a impotência que sentimos ao testemunharmos a violência doméstica.
- Outra coisa que se percebe ao usar essa oficina é que os jovens têm pouco contato ou conhecimento de relações íntimas - seja de namoro, seja de casais adultos - baseadas em respeito mútuo e diálogo. O grau de conflito nas relações no dia-a-dia onde nós trabalhamos é alto, mostrando a necessidade de trabalhar com homens e mulheres para pensar a questão: como podemos formar relações entre os homens e mulheres com base no respeito?

Procedimentos:

1. Explicar ao grupo que o objetivo é discutir e analisar os vários tipos de violência que por vezes usamos nas nossas relações íntimas, e discutir formas de mostrar e viver essas relações com respeito.
2. Dividir os participantes em 4 grupos (ou menos, dependendo do número total de participantes do grupo), com um número de 5 a 6 em cada, pedindo que eles criem uma pequena história.
3. Pedir a dois grupos que apresentem uma relação de intimidade - namorado e namorada, marido e mulher, ou namorado e namorado - que mostrem cenas de violência. Explicar que a violência pode ser física, mas não necessariamente. Pedir para eles tentarem ser realistas, usando exemplos de pessoas e incidentes que tenham presenciado ou de que tenham conhecimento em suas comunidades. (Lembrar da importância do cuidado com os colegas e com o espaço)

³⁶ Esta oficina faz parte do Caderno “Da Violência para Convivência” do Programa H

³⁷ Quando nos referimos a relações íntimas e à intimidade, estamos querendo enfatizar as relações de namoro, de “ficar” ou seja, relações com envolvimento amoroso, afetivo e/ou romântico que pode ou não incluir envolvimento sexual. Preferimos não utilizar “relações de casal” porque nem sempre os jovens associam o “ficar”, o namorar, com uma relação estável de casal.

4. Pedir aos outros grupos para apresentar também uma relação de intimidade, mas baseada no respeito em relação ao outro. Pode haver conflitos ou diferenças de opinião, mas que mostrem respeito na relação e que não contenham cenas de violência.

5. Cada grupo deve ter em torno de 15 a 20 minutos para criar a história ou as cenas e de cinco a dez minutos para apresentá-las. Após cada apresentação, os outros grupos podem fazer perguntas.

6. Quando todos os grupos tiverem apresentado, use o quadro negro ou cartolina para listar: quais são as características de uma relação violenta? Encorajar os participantes a refletirem sobre as diversas formas de violência nas relações íntimas (controle, coerção, humilhação, gritos, ameaça...) bem como a violência física. Usar as histórias como exemplo, perguntando: quais as características individuais ou da própria relação nos casos que foram apresentados, que demonstraram a violência?

7. Também listar quais características fazem com que uma relação seja saudável. Pedir ao grupo para pensar no que é necessário para uma relação baseada no respeito.

8. Discutir as questões abaixo.

Perguntas para discussão:

- Os exemplos que foram usados nas histórias são realistas? Vemos essas coisas no nosso dia-a-dia?
- Para você, quais as causas da violência doméstica ou da violência na relação?
- Somente o homem usa violência física contra a mulher?
- Quando você vê esse tipo de violência, o que você normalmente faz? O que poderia fazer?
- Os exemplos de uma relação saudável que foram mostrados nas histórias são realistas?
- É possível construir uma relação baseada no respeito? A gente vê isso no nosso cotidiano?
- Que podemos fazer individualmente para construir relações de intimidade saudáveis?
- A violência é parte de nós ou aprendemos a exercitá-la? (Aponte que a raiva é uma emoção normal e que como tal, deve ser expressada. O que acontece é que muitas pessoas não sabem lidar com essa emoção, e assim, sua expressão termina sendo feita na forma de agressão e violência)

Fechamento:

Essa oficina tenta encorajar os jovens a discutir a realidade da violência doméstica, usando exemplos de seu próprio contexto. Existe uma série de outras oficinas para tratar do assunto da violência doméstica. Dependendo do grupo, pode-se encorajar os participantes a procurar informações adicionais sobre violência doméstica em suas comunidades. Pode-se ainda convidar alguém que trabalhe com mulheres vítimas de violência doméstica ou um grupo de homens que trabalha com autores de violência contra a mulher.

Oficina 13: Do conflito à violência: definindo limites³⁸

Objetivos: Aprender a identificar momentos de conflito e saber como lidar com eles, com vistas à construção de relacionamentos não-violentos. Este exercício ajudará os participantes a identificarem comportamentos que são (ou podem se tornar) violentos e ajudá-los a determinar limites.

Materiais necessários:

- Folhas de apoio “Ele é um homem violento?”
- tesouras
- cola
- cartolinhas
- lápis de cor
- canetas piloto.

Tempo recomendado: 90 minutos.

Dicas para o planejamento:

- Quando falamos sobre a violência contra a mulher, não estamos só falando das formas mais extremas. Estamos falando sobre todas as variações de comportamento violento. Também estamos preocupados com os comportamentos que não são violentos, mas que indicam que um homem pode estar chegando ao ponto de usar a violência.
- Estudiosos sobre a violência contra a mulher apontam que existe um “ciclo de violência” e que o mesmo quase sempre não começa com a violência física. Normalmente, as primeiras violências são psicológicas e verbais. Achando-se dono da mulher, alguns homens começam a ditar proibições e limitar a liberdade dela, por exemplo, não permitindo que ela use determinada roupa ou maquiagem; que saia sem a sua presença; que trabalhe fora de casa etc. Após cada situação em que a mulher não cumpre com as expectativas do namorado ou marido, ele a agride verbalmente - a xinga de burra, incompetente, diz que se ela quiser continuar com ele, terá que respeitá-lo e ser obediente etc. - é nesse momento que as primeiras ameaças de violência física acontecem. Essas fases de tensão são geralmente acompanhadas de uma fase de reconciliação, quando o homem se desculpa e diz que está arrependido. Infelizmente, vários casais repetem essas fases de tensão por meses e anos, cada vez mais intensas, cada vez mais freqüentes, até que a violência física acontece. Mas freqüentemente, o ciclo não pára por ai, ele continua, alternando as fases de tensão, agressão e reconciliação, cada vez com mais intensidade, muitas vezes chegando à morte da mulher.

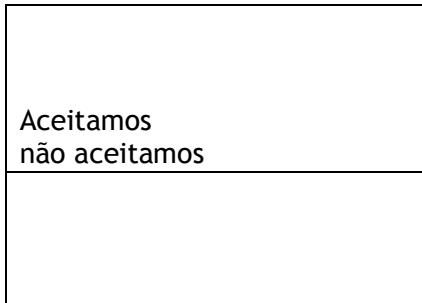
Procedimentos:

1. Divida os participantes em grupos de quatro. Cada grupo deverá ter os materiais acima listados. Peça para desenharem uma linha horizontal no centro da cartolina, e escrever a palavra “aceitamos” na borda esquerda e “não aceitamos” na direita.

³⁸ Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

*** EDIÇÃO:** Fazer quadro ilustrativo

No quadro do ponto 1, colocar “aceitamos” e “não aceitamos” ‘colados’ às bordas esquerda e direita, como apontado pela instrução. A linha não deve cruzar a cartolina verticalmente, como aparece na versão pdf e sim, horizontalmente, no centro da cartolina (ver abaixo)



2. Peça que recortem as frases da folha de apoio e informe aos participantes que eles devem discutir por aproximadamente 30 minutos sobre todas as frases, debatendo entre eles, se acham que os comportamentos descritos são “aceitáveis” ou “não aceitáveis”. Por mais difícil que possa ser, o intuito é chegar a um consenso em todas as frases. (Isso torna a atividade mais demorada, mas permite aos participantes um momento para exercitar a argumentação e trocar experiências e histórias).

3. Quando o grupo chegar a uma decisão final, as frases devem ser coladas na cartolina - “aceitamos” na borda esquerda, “não-aceitamos” na borda direita. Geralmente, os participantes justificam que alguns comportamentos só podem ser classificados como aceitáveis ou inaceitáveis sabendo do contexto no qual aconteceram. Para esses casos (e quando não houver consenso), comunique que as frases devem ser coladas na linha em direção ao centro da cartolina.

4. Retome o grande grupo e peça que cada subgrupo apresente brevemente o seu resultado. Discuta as frases com o grupo inteiro, dando maior atenção àquelas que os participantes apresentaram dúvidas e discordâncias. Peça que eles reflitam sobre cada situação, e considerem como a pessoa que é vítima daquele comportamento se sente. Ajude-os a compreender que até os comportamentos que parecem insignificantes podem eventualmente tornar-se comportamentos violentos.

Perguntas para discussão:

- Foi fácil chegar a um consenso sobre as frases? (Normalmente, a resposta é “não”. Aponte como isso diz muito sobre a necessidade de conversarmos mais sobre esses temas, principalmente com nossa/o companheira/o, já que o que é visto como violência por uma pessoa, pode não ser para outra).
- O que faz um comportamento ser considerado violento?
- Qual a diferença entre conflito e violência? Quando o conflito gera violência?
- Onde aprendemos esses comportamentos? (Quase sempre aprendemos esses comportamentos na nossa família e os reproduzimos quando chegamos na adolescência e nos tornamos adultos. Apesar de ser uma tarefa difícil, é importante questionar esses padrões que incorporamos a partir da educação, para construir relacionamentos mais saudáveis e não-violentos).

Fechamento:

Faça um breve debate sobre o que podemos fazer quando ficamos sabendo de alguém que é vítima de comportamento violento. Pergunte e informe quais os recursos que a comunidade possui para lidar com isso, tais como ONG, postos de saúde, associações comunitárias etc.

Folha de Apoio:**Ele é um homem violento?**

Ele sempre tem uma opinião sobre o jeito como sua parceira se veste. Algumas vezes ele a critica e outras vezes ele a elogia.
Ele é muito ciumento.
Ele tem um temperamento explosivo e fica bravo facilmente, por exemplo, quando sua parceira demora para se arrumar.
Ele planeja uma noite especial para sua parceira e é uma grande surpresa.
No transito, ele xinga os outros motoristas e é muito agressivo.
Em uma briga, ele diz à sua parceira que ela nunca vai achar alguém melhor do que ele porque ela está velha e acabada.
Constantemente, ele critica a maneira como ela educa e cuida dos filhos deles.
Quando está chateado com algo, ele se fecha e não conversa com a sua parceira.
Quando ele tem um dia ruim, ele conta para a sua parceira e pede para que ela o ouça reclamar um pouco.
Quando a parceira não quer transar, ele sempre insiste até ela ceder.
Quando ele fica bravo com sua parceira, ele pede para conversar com ela depois de um tempo, quando sua cabeça esfria.
Ele acredita que deveria ganhar mais dinheiro do que sua futura esposa.
Quando ele e sua parceira estão discutindo, às vezes, ele grita e bate nela. Depois ele sempre pede desculpas e sente-se muito culpado.
Ele protege sua parceira e não quer que nada de ruim aconteça com ela.
Ele fala para ela, todos os dias, que a ama.
Ele é um ótimo marido e pai, carinhoso e atencioso, porém, fica agressivo toda vez que bebe.
Ele adora brincar com seus filhos, mas nunca troca suas fraldas ou os leva ao médico.
Ele joga e quebra objetos da casa (nunca em pessoas) quando está bravo. Ele sempre culpa outras pessoas pela sua raiva.
Sempre que quer fazer algo com sua parceira, ele pede a opinião dela.
Quando estão com um grupo de amigos, ele controla o que ela fala e faz comentários irônicos sobre ela.

Oficina 14: Expressão e manifestação das emoções³⁹

Objetivo: Reconhecer as dificuldades que existem para expressar determinadas emoções devido à forma como fomos socializados e analisar os custos dessa socialização para a nossa saúde e bem-estar. Refletir sobre como aprendemos a inibir ou a exagerar as emoções.

Materiais necessários: Cartolinhas, papel A4, tesoura, fita adesiva, lápis de cor.

Tempo recomendado: 2 horas e meia

Dicas para o planejamento:

- É importante que o/a facilitador/a, tenha um controle de suas próprias emoções para poder ajudar o grupo a refletir.
- Lembre-se que cada pessoa expressa suas emoções de uma maneira diferente. No entanto, é importante observar algumas tendências que se apresentam. Por exemplo, devido à socialização masculina, é freqüente que os homens jovens escondam seu medo, sua tristeza e até sua ternura. Por isso, a raiva, que é um sentimento natural, é muitas vezes expressada na forma de violência.
- Uma pessoa que não conhece suas emoções, não só não pode expressá-las, como corre o risco de ser conduzida por elas. É fundamental distinguir entre o “sentir” e o “atuar” para buscar formas de expressão que não causem danos, a si mesmo e a outros. Por essa razão, esta oficina é muito importante no trabalho de prevenção da violência.
- É necessário considerar e ressaltar que o trabalho com as emoções começa quando as reconhecemos, valorizando-as e nos re-apropriando desse recurso humano que temos e que podemos aproveitar para enfrentar diversas situações da vida cotidiana (por exemplo: para tomar decisões sobre nossa sexualidade; sobre gravidez e aborto; para prevenir a violência etc.).
- É importante, ainda, considerar que devido à socialização masculina, existe a tendência de não se olhar nos olhos de um outro homem, pois isso pode ser encarado como uma atitude de desafio ou de atração sexual. Este é o momento propício para esclarecer que olhar nos olhos de outra pessoa é uma maneira a mais de se expressar e melhorar a comunicação.

Procedimentos:

1. Pergunte ao grupo qual é a comida favorita de cada um. Deixe que vários respondam. Faça o mesmo com a pergunta: qual é a comida que menos gostam? Afirme que assim como com a comida, há gostos e preferências na forma de lidar com as emoções; algumas são mais presentes e manifestamos com maior facilidade, já outras nos causam desconforto e por isso muitas vezes às evitamos.

2. Coloque no quadro as cinco emoções básicas⁴⁰ e informe que trabalharemos com elas neste encontro MARTA:

³⁹ Esta oficina faz parte do Caderno “Razões e Emoções” do Programa H

⁴⁰ Podem sair do grupo outras propostas de sentimentos que, geralmente, cabem ou se associam a alguns dos já mencionados, por exemplo, o ódio relacionado com a raiva. Uma vez um jovem propôs a indiferença, mas, ao trabalhá-la,

Medo
Amor
Raiva
Tristeza
Alegria

* EDIÇÃO - Destacar essa composição de letras acima

3. Explique que, a partir de agora, farão um exercício para identificar como lidam com essas diferentes emoções.

4. Informe que o exercício vai ser realizado individualmente e peça que cada pessoa coloque um número ao lado de cada uma das 5 emoções:

1	Emoção que expressa com mais facilidade
2	Emoção que expressa facilmente, mas não tanto quanto a primeira
3	Indiferente, ou seja, não sente dificuldade nem facilidade em expressar
4	Emoção que tem um pouco de dificuldade em expressar
5	Emoção que tem muita dificuldade em expressar

5. Depois que terminarem seu exercício individual, solicite que compartilhem seus resultados com o resto do grupo. É muito importante que todos participem. Se o grupo for muito grande, forme subgrupos.

6. Com o grande grupo, reflita sobre as semelhanças e diferenças encontradas.

Pontos a reforçar:

- As emoções que enumeramos como 1 e 2, são geralmente as que aprendemos a manifestar de uma forma exagerada;
- As de número 4 e 5, são aquelas que aprendemos a esconder ou reprimir;
- A número 3, é a que não necessitamos diminuir ou exagerar, pois lidamos com ela de uma forma mais natural e saudável.

encontrou que, mais que um sentimento, era uma máscara que ocultava medo e tristeza. Também poderiam sair a vergonha, a culpa ou a violência. Pode-se apoiar os participantes propiciando a reflexão sobre os custos e consequências e se estas favorecem nosso crescimento como seres humanos.

Perguntas para discussão:

- Por que reprimimos ou exageramos a manifestação de certas emoções? Como aprendemos a fazer isso? Quais dificuldades podem ser causadas por isso?
- Como as minhas emoções (M.A.R.T.A.) influenciam nas relações que estabeleço com as demais pessoas (parceiras/os, família, amigos etc.)?
- Qual é a função das emoções? Dar exemplos (o medo nos ajuda com situações de perigo, a raiva para nos defendermos etc.) e peça que o grupo pense em outros.
- O que podemos fazer para expressar livremente nossas emoções? (Cada um poderá anotar suas reflexões pessoais e, se desejarem, compartilhá-las em pequenos grupos)

Fechamento:

- Ao final, o/a facilitador/a deve enfatizar que as emoções podem ser vistas como uma forma de energia que nos permite perceber aquilo que nos oprime e causa danos internamente. Conseguir expressá-las sem causar danos a outros, nos fortalece e faz com que nos relacionemos melhor com o mundo que nos rodeia. Geralmente, desde que nascemos, são impostas algumas idéias como, por exemplo, a de que os homens não devem expressar medo e insegurança, enquanto que as mulheres não devem expressar sua raiva. A saúde emocional tem a ver com a flexibilização na forma de lidar com as emoções, pois essas são recursos para identificar e expressar nossas necessidades.
- Comente que as emoções não são nem boas nem más, nem femininas nem masculinas, são características humanas. E, também, que não somos responsáveis por sentirmos determinadas emoções, mas sim pelo que fazemos com o que sentimos. Em relação à raiva, é importante que o grupo reconheça a diferença entre a violência e a expressão direta e verbal da raiva.
- Comunique ao grupo que como tudo que fazemos em nossa vida, a expressão saudável de nossas emoções requer prática. Por exemplo, para um garoto que sempre escutou coisas como “*Enxuga a cara porque homem não chora!*”, ou “*Esse papo de sentimento é coisa de mulher!*”, lidar com suas emoções pode ser uma grande dificuldade. Todos nós temos dificuldades com determinadas emoções, o importante é ter consciência disso e saber que podemos, através do diálogo e do “olhar para dentro”, superar essas dificuldades.
- Encerre a sessão com a pergunta: Vocês descobriram alguma coisa nova sobre vocês mesmos a partir desta atividade?

Oficina 15: Promovendo mudanças: as escolhas que fazemos⁴¹

Objetivos: Refletir sobre as alternativas que temos hoje pelo fim da violência contra a mulher, compreendendo que a responsabilidade para mudar essa situação é de todos e todas.

Materiais: Uma folha de apoio por grupo.

Tempo Recomendado: 90 minutos.

Dicas para o facilitador:

Esta atividade é um fechamento ideal para a série de oficinas do manual e pretende motivar o grupo para continuar refletindo e desenvolver ações da Campanha do Laço Branco (sugerimos leitura dos Anexos 1 e 2)

Procedimentos:

1. Pergunte aos participantes qual tema mais os têm interessado ultimamente (educação, saúde, segurança, meio-ambiente etc.). Faça uma breve rodada para saber suas respostas.

2. Agora pergunte o que eles fazem para se aproximar dessa área e melhora-la. Por exemplo, se alguém respondeu “meio-ambiente”, pergunte quais ações ele incorpora no seu dia-a-dia para proteger a natureza. Ele provavelmente responderá algo como: reciclar, economizar energia, plantar árvores etc. Depois dessa introdução, comunique que o objetivo da atividade é discutir sobre o que podemos fazer para promover direitos iguais entre homens e mulheres e para por um fim à violência contra a mulher.

3. As escolhas que fazemos podem afetar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas ao nosso redor. Peça ao grupo para identificar circunstâncias e espaços nos quais eles podem contribuir para promover direitos iguais entre homens e mulheres e pelo fim da violência contra as mulheres.

4. Escreva as respostas no quadro e abra uma breve discussão sobre elas. Acrescente à lista que foi proposta pelos alunos, os oito temas contidos na “folha de apoio”. Tente chamar a atenção dos participantes para coisas práticas que eles podem começar a fazer imediatamente, individualmente ou em grupo.

5. Divida os participantes em grupos menores e sorteie três temas contidos no quadro para cada um. Eles devem responder, de acordo com os temas específicos:

- Quais comportamentos e escolhas podem ajudar a por um fim à violência contra as mulheres e promover direitos iguais entre homens e mulheres?

Fechamento:

Peça aos grupos para relatar suas respostas. Compare as idéias e converse com os participantes sobre as responsabilidades que todos temos para mudar comportamentos e atitudes. Faça uma “tempestade de idéias” sobre o que pode ser feito. Esta atividade é um elo natural para o planejamento de ações. Esperamos que você e seus participantes tenham uma campanha bem sucedida!

⁴¹ Oficina traduzida e adaptada a partir do Kit “Educação e Ação” da Campanha do Laço Branco - Canadá.

FOLHA DE APOIO

TEMAS E POSSÍVEIS RESPOSTAS DO GRUPO

Na versão PDF, dar algum destaque para os “títulos” da tabela (tudo está com a mesma fonte e cor...)

TEMAS	Coisas que atrapalham a equidade de gênero e contribuem para a violência contra a mulher.	Coisas que aumentam a equidade de gênero e contribuem para o fim da violência contra a mulher.
Interação entre alunos	Comportamentos machistas e abusivos como contar piadas que falam mal das mulheres.	Promover atividades que possibilitam a cooperação entre os rapazes e as mulheres.
Comportamento no corredor da escola	Fazer pichações com comentários sexistas ou homofóbicos e assediar as mulheres que passam pelo corredor.	Elaborar pôsteres sobre equidade de gênero e sobre a violência contra as mulheres e colar nos corredores. Conversar com os alunos que assediaram as garotas.
Interação entre alunos e professores	Professores/as que reproduzem comportamentos discriminatórios e machistas. Professores/as que não intervêm quando presenciam alguma violência de gênero.	Professores/as que dão exemplo de respeito e são interessados nas opiniões dos/as alunos/as.
Esportes e outras atividades escolares	Escolas que priorizam esportes para os meninos. Achar que teatro é coisa para mulher e homossexuais.	Promover atividades esportivas mistas (times com homens e mulheres). Priorizar a cooperação nos esportes e não a competição.
As palavras que usamos	“Isso é natural”, “todo homem é igual”, “mulher só quer saber de dinheiro”, “a vida é assim mesmo” etc.	“cooperação”, “diálogo”, “direitos iguais”, “paz”, “não-violência” etc.
Questionar comentários machistas e humilhantes	Contar ou enviar por e-mail piadas machistas. Ficar quieto quando uma piada machista está sendo contada.	Não se calar quando presenciar um comentário machista e falar que comportamentos como esse contribuem para a violência.
Comportamento com a parceira/ficante/namorada	Tentar controlar, ser possessivo, esconder suas emoções.	Respeitar e não tentar impor seus pontos de vista. Expressar seus sentimentos e dialogar.
Participação comunitária e ativismo social	Achar que a violência contra a mulher é um problema apenas delas. Boicotar ações pela equidade de gênero achando que elas vão tirar direitos dos homens.	Se envolver e propor ações. Levar a mensagem da Campanha do Laço Branco para o maior número de espaços possível. Trabalhar em cooperação com as mulheres.

Oficina 16: Campanha do Laço Branco: Definindo um plano de ação

Objetivos: Construir junto com os jovens um plano prático de ação para promover a Campanha do Laço Branco em seu grupo (escola, associação de moradores, time de futebol etc.).

Materiais: Hidrocor, cartolas coloridas (por exemplo, azul, amarela e rosa) e fita adesiva.

Tempo Recomendado: 90 minutos.

Dicas para o facilitador:

1. Esta oficina pode ser realizada ao final do processo, contribuindo para que o grupo possa operacionalizar melhor suas estratégias, definindo mais claramente produtos e atividades que podem facilitar a definição de prazos e divisão de tarefas.

2. Ao final, pode-se recomendar ao grupo que visite o site do Laço Branco para que possam identificar grupos e instituições da sua cidade com os quais possam dialogar para se unir às ações mais amplas da rede, fortalecendo o movimento brasileiro e internacional.

Procedimentos:

1. Divida o grupo em três subgrupos e entregue para cada um deles três cartolas (uma de cada cor) e lápis hidrocor.

2. Peça que, em 20 minutos, os participantes escrevam nas cartolas produtos e atividades que consideram que valeria a pena produzir para promover a Campanha do Laço Branco, dividindo em três categorias:

Cartolina rosa: Atividades do grupo - que podem ser realizadas apenas pelos participantes do grupo;

Cartolina azul: Atividades de parceria - que pode envolver outros grupos, fóruns, redes etc.;

Cartolina amarela: Produtos (de preferência produzidos pelo próprio grupo).

3. Em seguida, divida a parede ou quadro branco em três partes e peça que os participantes coloem as cartolas rosas no canto esquerdo, as azuis no centro e as amarelas no canto direito.

4. Peça que um dos participantes leia as cartolas rosas e pergunte se alguém quer acrescentar algo. Faça o mesmo com as cartolas azuis e amarelas. Cada cor pode ser lida por um participante diferente.

5. Ao final, entregue a folha de apoio para os grupos e peça que a preencham.

Fechamento:

Ao final, peça que o grupo apresente seu plano de ação (ver anexo 1 para sugestões) e abra uma discussão sobre: Como conseguir recursos para tais atividades? Como envolver as outras pessoas? Como avaliar o impacto das ações?

FOLHA DE APOIO 1

(*) O garantidor deve ser sempre uma pessoa. Ela não será a única pessoa responsável pela execução da atividade ou produto, mas será aquela que vai garantir sua realização.

FOLHA DE APOIO 2

(*) O garantidor deve ser sempre uma pessoa. Ela não será a única pessoa responsável pela execução da atividade ou produto, mas será aquela que vai garantir sua realização.

FOLHA DE APOIO 3

(*) O garantidor deve ser sempre uma pessoa. Ela não será a única pessoa responsável pela execução da atividade ou produto, mas será aquela que vai garantir sua realização.

ANEXOS

ANEXO 1

RESUMO DE POSSÍVEIS ATIVIDADES DO LAÇO BRANCO⁴² *(se possível faça cópias para os participantes)*

É importante que sua Campanha do Laço Branco reflita os desejos, interesses e a diversidade dos participantes. Nas próximas páginas estão idéias de algumas atividades, mas não hesite em colocar suas próprias idéias e as idéias que surgirem do grupo.

O objetivo das atividades é promover relacionamentos saudáveis e equitativos. Lembre-se que suas ações podem ser feitas próximo ao dia do Laço Branco, 6 de dezembro, ou em qualquer outro dia do ano, incluindo Dia do Namorados, Dia dos Pais ou Dia das Mulheres (8 de março) para aproveitar a mobilização das pessoas nessas datas.

Algumas idéias...

Distribuição do Laço Branco: Faça (ou compre) laços brancos para distribuir entre os participantes e as pessoas que estiverem apoiando sua ação, em lugares estratégicos, de grande circulação.

Convidar palestrante: Convide uma pessoa com experiência em questões de gênero e violência contra a mulher para a sua escola ou grupo, ele/a pode ser: um representante da prefeitura, da delegacia da mulher, de um grupo de mulheres ou organização não-governamental, da universidade, da Campanha do Laço Branco ou um professor de sua escola.

Um grande Laço Branco assinado: Um instrumento bastante interessante para estimular o envolvimento dos/as alunos/as é a criação de um grande laço branco. Os participantes homens são convidados a assinar o laço, como símbolo de seu compromisso pelo fim da violência contra as mulheres.

Cartazes: Crie cartazes sobre o significado da sua campanha do Laço Branco, que questionem os estereótipos sobre o papel tradicional de homens e mulheres, ou outras questões relativas à violência contra as mulheres. Você pode pedir o apoio da escola e de um/a professor/a de artes.

Mural: Que tal sugerir à coordenação da escola que aquela parede suja e pichada seja usada para um grande mural de grafite sobre o fim da violência contra a mulher? Você pode tentar fazer uma parceria com algum grupo local que trabalha com grafite.

Dança, teatro ou música: Peça para pessoas que trabalham com dança, teatro ou música, ou participantes interessados, para acrescentar em seu trabalho algo sobre a questão de violência de homens contra as mulheres. Uma apresentação pode ser organizada para os demais alunos.

Festival de filmes: negocie um horário com a coordenação da escola e organize um festival de filmes sobre violência nas relações íntimas, cobrando uma entrada simbólica,

⁴² Para mais informações sobre ações da Campanha do Laço Branco ao redor do Brasil, ver o site www.lacobranco.org.br

de pequeno valor, ou mesmo de graça. As apresentações deverão seguir as discussões feitas pelo facilitador.

Faixa: Crie um faixa do Laço Branco para ser pendurada na entrada da escola.

Grupos de discussão: Forme grupos de discussão que abordem o problema da violência dos homens contra as mulheres. Leve a discussão para o grêmio de sua escola. Os participantes podem fazer apresentações nas salas de aula ou se encontrarem em pequenos grupos na hora do almoço ou depois da escola.

Folhetos: Distribua folhetos na escola. Isto pode ser feito por si só, ou em conjunto com outras atividades.

Dia da camisa branca: Escolha um dia em que os participantes deverão usar uma camisa branca simbolizando a participação na campanha pelo fim da violência contra a mulher.

Anunciar o Laço Branco na rádio da escola ou numa rádio comunitária: proponha às rádios que informações sobre a Campanha sejam transmitidas durante sua programação.

Cartazes “carimbados” com mãos de homens para simbolizar engajamento nas ações pelo fim da violência contra as mulheres: Escolha um lugar de bastante visibilidade na escola e pendure uma grande faixa de papel na parede com a seguinte frase no topo, “Estas mãos nunca serão usadas para a violência”. Embaixo da faixa, coloque algumas bandejas com tintas de diferentes cores para que os homens molhem suas mãos e “carimbem” a faixa.

Atividades esportivas mistas: promova, juntamente com os professores de educação física, jogos - futebol, basquete, vôlei etc. - com times formados por garotos e garotas.

Financiamento: Levante recursos para grupos de mulheres ou para suas ações da Campanha do Laço Branco através da venda de rifas, de laços brancos, da organização de festas etc.

Se você não tem experiência em organizar coisas como essas, não se preocupe, pergunte e peça ajuda! ***Use sua imaginação, converse com seus amigos e familiares sobre o Laço Branco, converse com seus professores e transforme suas idéias em ações!***

ANEXO 2

ONDE PROCURAR AJUDA CASO VOCÊ SEJA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA OU SE PRESENCIAR ALGUM ATO DE VIOLÊNCIA⁴³

Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher: Criadas no início da década de 80 por meio da reivindicação de movimentos feministas e de mulheres, estas delegacias atendem especificamente casos de violência contra as mulheres.

Central de Atendimento à Mulher- Disque 180: Serviço 24 horas da Secretaria de Política para as Mulheres. Conta com profissionais capacitados que podem te orientar sobre o que fazer em situações de violência, indicar os serviços disponíveis em sua cidade e explicar seus direitos.

Casas Abrigo: As Casas Abrigo, como o próprio nome diz, existem para abrigar e atender integralmente as mulheres que se encontram em situação de violência e que não têm onde morar com segurança até poderem retomar o curso normal de suas vidas.

Centros de Referência/SOS Mulher: Também criados no início da década de 80, estes centros realizam atendimento multidisciplinar (jurídico, social e psicológico) às mulheres vítimas de violência.

ONG: Algumas Organizações Não-governamentais, assim como os Centros de Referência e SOS Mulher, assistem às mulheres vítimas de violência prestando atendimento jurídico, social e psicológico.

Ministério Público do Trabalho: Este Ministério tem competência para atuar em casos de discriminação no trabalho unicamente pelo fato de a pessoa ser mulher. Então, se você se sentir discriminada, subjugada, prejudicada ou ridicularizada em seu ambiente de trabalho, já sabe aonde recorrer.

Sindicatos: O sindicato de sua categoria trabalhista pode ajudá-la em casos de assédio sexual e moral no ambiente de trabalho. Faça sua denúncia e para ajudar no processo contra o autor da violência, procure saber se outras mulheres já haviam denunciado este mesmo homem para o sindicado.

Conselhos e Coordenadorias: Estados e municípios criaram diversos Conselhos e Coordenadorias que lutam em Defesa dos Direitos das Mulheres. Estes locais podem ajudá-la e informá-la em situações de violência.

Serviços de Saúde: Os Serviços de Saúde são capazes de cuidar dos problemas físicos provenientes das agressões sofridas durante o ato de violência de gênero e é capaz, conforme a lei Maria da Penha, de produzir laudos e prontuários médicos como prova da violência sofrida que contribuirão para o processo que você venha a abrir contra o autor da violência. Ademais, em casos de violência sexual, além do atendimento de

⁴³ Informações obtidas no site da Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres www.campanhadias.org.br

emergência é possibilitado o encaminhamento do aborto legal proveniente da gravidez decorrida em situação de violência.

Para você conseguir realizar uma denúncia contra o autor da violência e possibilitar a abertura de um processo de acusação você tem algumas possibilidades. Não deixe de denunciar, procure ajuda! Você pode recorrer a:

Defensoria Pública: A Defensoria Pública, por meio da Lei Maria da Penha, é obrigada a lhe propiciar um/a advogado(a) gratuito que lhe acompanhará e lutará pelos seus direitos durante todo o processo judicial.

OAB: Na maioria dos estados a OAB presta serviços de assistência judiciária gratuitos. Procure a sub-seção de sua cidade.

Serviço de Assistência Judiciária Gratuita das Universidades: Assim como a OAB algumas Universidades, principalmente aquelas que possuem cursos de Direito, prestam serviços de assistência judiciária gratuitos.

Ovidorias e Corregedorias: Estes serviços são responsáveis pelo monitoramento e fiscalização dos serviços públicos. Você pode procurar estes órgãos para reclamar de algum dos serviços citados acima onde o servidor responsável pelo atendimento não o efetuar da forma correta.

Para você que mora em pequenos municípios onde não é possível encontrar nenhum dos serviços citados acima, além do dique-180 também é possível pedir ajuda à:

Unidades Móveis da Polícia Militar: Este serviço poderá lhe atender emergencialmente e encaminhá-la para a Delegacia de Polícia mais próxima e competente para o seu caso.

Delegacias Comuns: Caso sua cidade ainda não possua Delegacias especializadas, as delegacias comuns são responsáveis pelo atendimento à vítima, seu encaminhamento para outros serviços que se fizerem necessários e instauração do inquérito.

Amigas(os), vizinhas(os) e parentes: Em momentos de pedido de socorro às vezes é preciso um apoio à vítima para que ela consiga chegar aos serviços públicos de atendimento necessários após a violência. Para isto, conte com amigas(os), vizinhas(os) e parentes. Elas(es) poderão te ajudar! Além disso, o fato de elas(es) saberem o que se passa com você pode facilitar o pedido de ajuda em situações onde você está impedida de sair, seja por motivos físicos, psicológicos ou de reclusão forçada.

Para ter acesso à lista dos serviços que sua cidade possui, entre na página da Secretaria de Política para as Mulheres, mais especificamente na janela de Atendimento à Mulher. www.presidencia.gov.br/spmulheres

BOX: Fontes de informações

No site da Campanha do Laço Branco (www.lacobranco.org.br), você pode encontrar mais dicas e informações sobre legislação atualizada, estatísticas, textos, debates e serviços que atendem mulheres e homens no contexto da violência de gênero.